

LÍDIA MARIA DOS SANTOS MORAIS  
MARIA LUIZA BRETAS  
SARAH SUZANE BERTOLLI  
(ORGANIZADORAS)



NARRATIVAS PARA  
VIVER E CONTAR:  
RESSONÂNCIAS LITERÁRIAS  
– CONTOS E CRÔNICAS –



EDITORA  
**IF GOIANO**



**INSTITUTO FEDERAL**  
Goiano



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

NARRATIVAS PARA  
VIVER E CONTAR:  
RESSONÂNCIAS LITERÁRIAS  
– CONTOS E CRÔNICAS –



ISBN: 978-65-87469-54-6

**Elias de Pádua Monteiro**

*Reitor do IF Goiano*

**Alan Carlos da Costa**

*Pró-reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação*

**Iraci Balbina Gonçalves Silva**

*Assessora Especial do Núcleo Estruturante da Política de Inovação (NEPI)*

**Conselho Editorial**

Portaria nº 4724/REI/IFGOIANO, de 16 de novembro de 2022

Ana Paula Silva Siqueira

Natany Ferreira Silva

Mariana Pikel Tsukahara

Alex Tristão de Santana

Hellayny Silva Godoy de Sousa

Rhanya Rafaella Rodrigues

Mirele Amaral de São Bernardo

Nadson Vinícius dos Santos

Cristiane Maria Ribeiro

Leonardo Carlos de Andrade

Jacson Zuchi

Marco Antônio Pereira da Silva

Lara Bueno Coelho

Luiza Amorim Purcena

Ricardo Diógenes Dias Silveira

Thiago Fernandes Qualhato

Matias Noll

Antônio Evami Cavalcante Sousa

Júlio César Ferreira

Ítalo José Bastos Guimarães

Flávia Gouveia de Oliveira

Rosenilde Nogueira Paniago

Natália Carvalhães de Oliveira

Luiza Ferreira Rezende de Medeiros

Maria Luiza Batista Bretas

Paulo Alberto da Silva Sales

Elis Dener Lima Alves

Diego Pinheiro Alencar

Mariana Buranelo Egea

Raiane Ferreira Miranda

Édio Damásio da Silva Júnior

Bruno de Oliveira Costa Couto

Priscila Jane Romano Gonçalves Selari

Gustavo Lopes Ferreira

Tatianne Silva Santos

Lidia Maria dos Santos Moraes

Johnathan Pereira Alves Diniz

**Equipe do Núcleo da Editora IF Goiano**

Sarah Suzane Bertolli

*Coordenadora do Núcleo da Editora*

Lidia Maria dos Santos Moraes

*Assessora Editorial*

Johnathan Pereira Alves Diniz

*Assessor Técnico*

Tatianne Silva Santos

*Assessora Gráfica*

**Revisão textual:**

Barbara Cardoso (Coelum Editorial)

**Projeto gráfico, diagramação e capa:**

Varnei Rodrigues (Propagare Comercial Ltda.)

**Bibliotecário responsável:**

Johnathan Pereira Alves Diniz

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) – Instituto Federal Goiano**

N234

Narrativas para viver e contar: ressonâncias literárias - Contos e crônicas / Lídia Maria dos Santos Moraes; Maria Luiza Bretas; Sarah Suzane Bertolli. – 1. ed. Goiânia, GO: IF Goiano, 2023.

88 p., il.: color.

ISBN (e-book): 978-65-87469-54-6

1. Literatura Brasileira - Contos. 2. Crônicas. 3. Narrativas literárias. I. Moraes, Lídia Maria dos Santos. II. Bretas, Maria Luiza. III. Bertolli, Sarah Suzane. IV. Instituto Federal Goiano. V. Título.

CDU: 821.134.3(81)-34/-94



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

LÍDIA MARIA DOS SANTOS MORAIS  
MARIA LUIZA BRETAS  
SARAH SUZANE BERTOLLI  
(ORGANIZADORAS)

NARRATIVAS PARA  
VIVER E CONTAR:  
RESSONÂNCIAS LITERÁRIAS  
– CONTOS E CRÔNICAS –



1ª Edição  
2023

# PREFÁCIO

## **Literatura: direito à herança cultural**

“Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles.”  
(Antonio Candido)

Nas palavras do crítico e escritor Antonio Candido, o objetivo principal do Edital nº 002/2021, publicado pela Editora do Instituto Federal Goiano (IF Goiano), era captar textos de viés artístico-literário para compor o primeiro e-book de cunho cultural desse órgão em uma chamada aberta à comunidade. Até então, a nossa recém-criada “Casa das Letras”, em 5 de julho de 2019, havia publicado uma coleção de livros paradidáticos, resultado de uma pesquisa multidisciplinar realizada na Comunidade Quilombola do Cedro de Mineiros – Goiás, entre outras publicações acadêmicas.

Assim, abrir para a coletividade iefeana – e para a sociedade em geral – a oportunidade de manifestar, por meio da literatura, suas experiências e seus sentimentos, em uma época profundamente marcada pelo paradoxo da aproximação tecnológica e do distanciamento social, é compartilhar o direito inalienável do ser humano à literatura, pois, se a literatura é a arte em palavras, ela pode desempenhar o papel de agregar todos os matizes sociais de maneira surpreendente e eficiente.

Ainda sobre o pensamento de Candido (1988, p. 182), a função humanizadora da literatura está no fato de que ela “[...] desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Ao propiciar o conhecimento, a literatura torna-se um objeto humanizado e atua de

maneira direta no desenvolvimento psicológico do ser humano, tornando-o mais compreensivo, reflexivo, crítico e aberto a novas perspectivas. Nesse contexto, o leitor que se aventura nas linhas destes contos e crônicas vai se deparar com histórias pitorescas, de credices populares que nos ensinam sobre as raízes da nossa gente, dos nossos semelhantes, como em *Eu revogo essa lei*, *O que é tradição* e *Não se brinca com os mistérios da Santíssima Trindade*, todas elas contadas por Marcos Fernandes de Oliveira.

A literatura é uma forma de expressão constitutiva do ser humano, seja porque ela é capaz de criar e recriar o mundo em diferentes aspectos, seja pelo espaço, pelo tempo e pelas personagens. A partir da construção do texto literário, é possível ouvir as vozes, vislumbrar novos horizontes, diferentes realidades, distantes ou próximas, que se desvelam e ideias que se concretizam, possibilitando ao sujeito leitor uma melhor compreensão do mundo ao seu entorno e de sua própria existência.

Nessa perspectiva, alguns contos evocam o passado dos autores ou dos protagonistas e, nesse caso, o recurso da memória aparece em *Tive medo... Escritos do tempo...*, de Sandra Maria Martins da Costa; *A árvore e a menina*, de Janeth de Oliveira Silva Naves; *Conto da madrugada*, de Fabiana Angélica Luiz Pereira; *Capadinho Vermelho*, de Letícia Santana Stacciarini e *Curso de Escrita*, de Raquel Martins de Oliveira. São vozes do passado que ecoam no presente e que explicam muito da construção da personalidade de seus autores e personagens. A escrita memorialista sobre a percepção do tempo e do espaço são experiências marcadamente individuais que podem eternizar ou apagar alguns registros da mente. No entanto, no curso da história, esses registros literários que se mesclam aos sentimentos, às emoções do vivido, à saudade e à seleção dos momentos mais importantes se configuram como extremamente necessários à formação integral do indivíduo.

Há um lugar especial para a ciência nas narrativas deste e-book em *Carta a Osvaldo Cruz* e *Viagem no tempo*, ambas de Janeth de Oliveira Silva Naves. A primeira narrativa revela o estranho paradoxo em relação ao qual, mesmo com o advento da internet, que passou a fazer parte do dia a dia da grande maioria da população mundial, proporcionando novas formas de busca do conhecimento e promovendo a aproximação de toda a humanidade, ainda existe resistência de uma boa parte da sociedade que não reconhece o valor da ciência. Dessa forma, “os erros

cometidos e as experiências trágicas” sofridos no passado pelo sanitarista Osvaldo Cruz foram praticamente os mesmos que a comunidade científica contemporânea vivenciou por ocasião da pandemia da Covid-19. Cuidados simples com a higiene, o isolamento dos doentes e a vacinação foram ignorados por aquela sociedade e pela atual, mesmo passados 120 anos e com um largo avanço científico alcançado nesse interstício. Na segunda narrativa dedicada à ciência, a astrofísica Joyce Avelar confirma as teorias de Einstein e Stephen Hawking sobre os buracos negros e tenta mudar o curso do destino. Vale muito a pena a leitura de ambas as narrativas!

O amor, ah o amor! Esse sentimento não poderia faltar em uma coletânea de contos e crônicas como esta. Em *Um estranho conhecido*, de Ana Maria Alves Pereira dos Santos e em *A geografia dos sonhos*, de Sandra Maria Martins da Costa, esse sentimento, por vezes tão simples e muitas outras tão complexo, mostra a força do seu efeito em ambas as narrativas. Pode ser platônico ou correspondido, pode ser sufocante ou uma leve brisa, pode ser ameaçador ou fazer sonhar, não importa... O que realmente importa é que ele faça morada no seu coração, por um breve tempo ou para o além, em outras vidas.

Duas narrativas trazem uma forte mensagem de esperança de quem presenciou e viveu o caos. Em *Uma professora com câncer e Pan(demônio)*, a vida renasce depois de uma experiência ruim, na qual a morte está à espreita, apenas esperando o momento de levar sua próxima vítima. Todavia, a vontade de vida é muito maior e, em meio à desesperança, à sentença proclamada, ela ressurge, tal qual a fênix que se recompõe das cinzas. Além desse sopro animador, a primeira narrativa também faz uma crítica à falta de humanidade e de solidariedade em um ambiente que deveria ser o primeiro a proclamá-las, a escola.

Na esteira dessas mensagens de esperança, há ainda um momento de reflexão sobre a questão da tolerância racial que vem traduzida pelo coração generoso e puro da criança. Ainda sem os preconceitos e estigmas que ela vai colhendo no decorrer da vida, mas com o olhar ingênuo de quem enxerga as coisas com grande simplicidade – na verdade como elas realmente são – em *Praça Central*, de Sandra Maria Martins da Costa, o amor não é cego, mas tolerante e imparcial.

Assim, como se pode observar pelos textos que inauguram a primeira obra literária da Editora IF Goiano, “a literatura assume muitos saberes”,

como afirma Barthes (1977, p. 8), que enfaticamente consolida o poder e a importância dessa disciplina: “Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário”. Muito competentes e sensíveis esses mestres: Barthes e Candido!

*Profª. Dra. Maria Luiza Bretas  
Instituto Federal Goiano*

# SUMÁRIO

Apresentação .....	11
Capítulo 1 - Eu revogo essa lei.....	12
Capítulo 2 - Carta a Osvaldo Cruz.....	15
Capítulo 3 - O que é tradição? .....	19
Capítulo 4 - Uma professora com câncer.....	23
Capítulo 5 - Tive medo...Escritos do tempo.....	26
Capítulo 6 - A árvore e a menina.....	31
Capítulo 7 - Praça Central.....	36
Capítulo 8 - Um estranho conhecido.....	40
Capítulo 9 - Conto da madrugada .....	43
Capítulo 10 - Capadinho vermelho .....	47
Capítulo 11 - Pan(demônio) .....	50
Capítulo 12 - Curso de escrita.....	52
Capítulo 13 - Viagem no tempo .....	59
Capítulo 14 - Geografia dos sonhos.....	64
Capítulo 15 - Não se brinca com os mistérios da Santíssima Trindade ...	68
Posfácio.....	72
Referências.....	80
Sobre os autores.....	82
Sobre as organizadoras.....	88

# APRESENTAÇÃO

A confecção de um livro é a tessitura de muitos profissionais, sendo um processo que envolve autores, editores, revisores, diagramadores, avaliadores etc. Esta obra, oriunda da primeira chamada literária da Editora IF Goiano (fruto do Edital nº 02/2021), fomentada pelo IF Goiano, colheu contos e crônicas; portanto, narrativas breves para criar este mosaico de histórias contemporâneas com tons históricos, filosóficos e problematizadores da realidade.

Ao ler e analisar essas histórias, no ofício de apreciar, compreender e editar tal material, aludimos à reflexão sensível de Andruetto:

*Para que escrever, para que ler, para que contar, para que escolher um bom livro em meio à fome e às calamidades? Escrever para que o escrito seja abrigo, espera, escuta do outro. Porque a literatura, mesmo assim, é essa metáfora da vida que continua reunindo quem fala e quem escuta num espaço comum, para participar de um mistério, para fazer que nasça uma história que pelo menos por um momento nos cure de palavra, recolha nossos pedaços, junte nossas partes dispersas, transpasse nossas zonas mais inóspitas, para nos dizer que no escuro também está a luz, para mostrarmos que tudo no mundo, até o mais miserável, tem o seu brilho. (ANDRUETTO, 2012, p. 24).<sup>1</sup>*

É algo audacioso, isso sabemos. Mas essa cura de palavras e esse recolhimento de pedaços emerge como propósito deste material que, em sua gestação, não delimitou temáticas – e foi proposital essa liberdade.

Diante de sérias questões sociais – da pandemia ao contexto político brasileiro em digladiar –, a liberdade de escrita de narrativas (de si, do outro) se constitui como fonte de (des)encontros humanos. Nessa profusão de sensações e sentimentos, situa-se, além do autor, do editor e dos tantos profissionais que teceram este livro, o leitor. Sim, você, leitor que busca algo por meio destas páginas (e desejamos que encontre). É nessa direção de liberdade e cura que tecemos. É nesse sentido de transposição que ansiamos a você uma boa leitura!

Equipe da Editora IF Goiano

---

1 ANDRUETTO, M. T. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

CAPÍTULO 1



EU REVOGO  
ESSA LEI



# EU REVOGO ESSA LEI

MARCOS FERNANDES DE OLIVEIRA

A política sempre nos traz pérolas e figuras caricatas que perdurarão por muito tempo, são agentes públicos que nos lembram o grande Odorico Paraguaçu de Dias Gomes, mas que são mais reais e palpáveis do que o referido prefeito – atestando, por essa razão, que a vida imita a arte ou vice-versa. O fato ou história narrado a seguir, vai nos mostrar esse lado trágico e cômico de nossos gestores mais antigos e mesmo alguns da atualidade.

“Eu revogo esta lei”, trata-se de um diálogo ocorrido entre um desses personagens caricatos e servidores públicos com a noção imprescindível em relação às leis que regem o universo e as que organizam o estado.

Nossa história se passa na região de Rio Verde, e ainda é relatada com bastante humor pelas pessoas que souberam do acontecido, demonstrando que, por um bom tempo, não havia uma “preparação” adequada para a gestão pública. Em um de seus distritos, mais especificamente o de Ouruana, o vice-prefeito – que também havia sido eleito o vereador mais votado na época, tornando-se presidente da Câmara de Vereadores – assumiu essa função a convite do então prefeito. Era um cidadão simples em sua formação, homem do campo com boas relações pessoais e um bom capital político.

O convite do mandatário municipal uniu o útil ao agradável, pois ele tinha uma boa propriedade de terra herdada de seus pais. Quem conhece a região sabe que é de relevo irregular com alguns montes e vales.

As terras do vice-prefeito eram em cima de um platô, terra não tão boa para cultivo por causa de um pequeno detalhe: a falta de água. Então, em certa ocasião, uma delegação do antigo Consórcio Rodoviário do Estado de Goiás, que passaria a se chamar AGETOP e, posteriormente, GOIANFRA, estava em Rio Verde. Os engenheiros estavam fazendo as medições para o asfaltamento de uma das rodovias da região e foram convidados a ir à fazenda do vice-prefeito para ajudá-lo a resolver o seu

problema com a água da região. Foi prometido a eles um almoço com carne de lata, pequi, jiló, angu com quiabo e pagamento pela diária.

Chegando à fazenda, já foram apresentados à cozinheira, que lhes serviu um café bem farto, e enquanto tomavam esse café – colhido, torrado e moído ali mesmo, acompanhado de um queijo bem fresquinho e requeijão com doce de leite feitos na propriedade – já observaram a cozinheira iniciando os preparos para o almoço, pois era gente importante segundo ela e a senhora queria causar boa impressão. Assim, um dos trabalhadores foi instruído a levar os engenheiros ao local das medições e, logo após, levá-los de volta para o almoço.

Surge então o problema, a fonte de água mais próxima estava a 600 metros de distância e em uma encosta com 20 metros de altura.

Ao retornarem, o vice-prefeito os esperava ansioso para saber a resposta dos estudos e medições, além de quando eles iniciariam as obras. Por isso, veio a pergunta: “Então! Quando poderemos começar a obra?” O mais velho dos engenheiros, já sentindo o aroma que vinha da cozinha, tomou coragem e respondeu: “Então, senhor, não há como realizar a obra.” O vice-prefeito, indignado, bradou: “Não? Mas por quê?” E, novamente, o mesmo engenheiro respondeu: “A lei da gravidade não permite.” O vice-prefeito respondeu em meio a uma gargalhada, mas com tom bem sério: “Não tem problema, eu sou presidente da câmara e vou mandar revogar essa lei amanhã mesmo.” O engenheiro chefe da delegação tentou apaziguar: “Senhor vice-prefeito, isso não será possível, pois essa lei é universal”. Houve um silêncio de 40 a 60 segundos, e essa foi a resposta que deixou todos com mais uma história para contar por muito tempo. No final da história, os engenheiros voltaram para Goiânia; e, como todos sabemos, a lei da gravidade não foi revogada.

CAPÍTULO 2



CARTA A  
OSVALDO CRUZ



# CARTA A OSVALDO CRUZ

JANETH DE OLIVEIRA SILVA NAVES

Prezado Doutor Oswaldo Gonçalves Cruz,

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer por sua visita no ano de 2022. Não é todo dia que temos a honra de receber uma pessoa tão admirável como o senhor. Infelizmente, não pude acompanhá-lo na visita e, por meio desta carta, gostaria de esclarecer que as suas dúvidas são também as minhas.

Depois da difícil viagem que empreendeu no passar do tempo, era de se esperar seu assombro e consternação, pois, tendo decorrido cerca de 120 anos da sua luta pela erradicação de doenças transmissíveis, o senhor pode constatar que ainda convivemos com problemas similares, como a dengue, *zica*, *chikungunya* e muitos outros. Tão distantes estão as nossas épocas, mas, em alguns aspectos, tão próximas em semelhança.

Os erros cometidos e as experiências trágicas que vivemos nos últimos dois anos devido a uma pandemia me fizeram pensar nas dificuldades que o senhor enfrentou há mais de um século, quando foi encarregado de erradicar a peste bubônica, a varíola e a febre amarela, que assolavam o Rio de Janeiro.

Ficou registrado pela história que as teses aprendidas pelo senhor no Instituto Pasteur da França foram rechaçadas por muitos médicos e pela população, pois era difícil para os brasileiros daquele tempo adotar medidas que exigissem mudanças de hábitos tão arraigados, apesar de demandarem pequenos esforços e poucos gastos. Fico pensando como deve ter sido trabalhoso superar as campanhas de descrédito contra os cuidados de higiene e de isolamento dos doentes então preconizadas. Soube também que a Imprensa e o Congresso se voltaram contra a sua pessoa, e que foram organizadas rebeliões para burlar as suas recomendações.

Imagino os desafios que o senhor teve que enfrentar quando suas brigadas percorriam as ruas e pediam para limparem as casas e os terrenos

para evitar a proliferação de mosquitos ou quando recomendavam vacinação em massa. E o que dizer sobre a criação de ligas que se ocupavam de difamar as vacinas contra a febre amarela e a varíola, dizendo que elas eram experimentais e que causariam outras doenças?

Mas chegou também até os nossos dias a notícia de suas vitórias. Enfrentando resistências, calúnias e revoltas, seus conhecimentos, seu trabalho incansável e a sua tenacidade acabaram por demonstrar a eficácia dessas medidas. O país, assim, rendeu-se às evidências quando, depois de 1907, a febre amarela foi completamente erradicada no Rio de Janeiro, além de a peste e a varíola terem sido controladas.

Como o senhor pode observar, há mais de dois anos o mundo vem sofrendo com uma pandemia causada por um tipo de coronavírus que se espalhou com uma rapidez assustadora. A covid-19, doença que esse vírus provoca, surpreendeu a comunidade científica com a variedade e a complexidade dos danos causados ao organismo humano, e também com a capacidade de mutação e de disseminação.

Imagine que hoje, além dos avanços na epidemiologia, temos microscópios eletrônicos capazes de visualizar até os componentes moleculares dos vírus e conseguimos, rapidamente, produzir vacinas com quase todos eles. Curioso é que, apesar dos grandes avanços da ciência nas últimas décadas, as pessoas continuam reagindo às descobertas científicas quase da mesma forma que reagiam no passado. E não é fácil compreender o porquê de medidas preventivas tão simples pregadas pelo senhor há mais de um século serem ainda de difícil aceitação e implementação. Tampouco consigo explicar como, depois de tantos progressos nos estudos farmacológicos e na metodologia científica, ainda é possível se alardear o uso de medicamentos sem eficácia comprovada por evidências e com segurança duvidosa demonstrada. Por fim, é difícil justificar como tantas vidas possam ter sido afetadas ou perdidas.

Como explicar para uma pessoa tão à frente do seu tempo como o senhor que ainda não conseguimos difundir, de forma eficiente, a sua visão de ciência? Não encontro explicações, apenas constatações, e presumo que sejam as mesmas às quais o senhor chegou no início do século passado: uma grande parte da nossa população resiste ao novo e prefere acreditar no que é mais fácil e mais cômodo, e mesmo aqueles que têm acesso à informação preferem confiar em afirmações (até nas improváveis) pregadas

pelos seus ídolos; acham trabalhoso demais buscar confirmação em fontes isentas, ainda que sobre assuntos cruciais para a sua sobrevivência.

Sei que, de onde está, é impossível enviar uma resposta para a minha carta. Não se preocupe! O senhor já a respondeu com os exemplos que deu em vida, com suas atitudes e por meio dos trabalhos que deixou publicados.

Despeço-me, manifestando meu respeito e profunda admiração.

CAPÍTULO 3



# O QUE É TRADIÇÃO?



# O QUE É TRADIÇÃO?

MARCOS FERNANDES DE OLIVEIRA

O que é tradição? A festa de Pentecostes celebrada pelos antigos hebreus, hoje israelitas, em um rito sumário adquirido no decorrer de gerações? É o que os povos de nação árabe e religião muçulmana, que circuncisam a criança até o oitavo dia de vida, ou uma narrativa que vem sendo passada dentro das famílias? Ou, ainda, um conjunto de sabores, sentimentos, ensinamentos e saudades? A resposta pode ser mais profunda e complexa. O fato é que uma tradição familiar, social e cultural remonta a um momento especial em nossas vidas, geralmente ligado à infância, no qual a realização pessoal era bem simples.

A tradição está arraigada na formação cognitiva de um povo ou etnia de tal maneira que se pode interpretar como um modo de transmissão de formas verbais do comportamento humano no jeito de agir e pensar de um povo de determinada região. Quem não se deparou com a célebre frase: “Você não vai me fazer esta desfeita”. Cada região do país adota sua tradição, que geralmente está ligada à fé, aos costumes, às ocasiões e aos sentimentos multivariados: em Goiás, as festas de Congadas de Catalão; a Procissão de Fogaréu em Goiás Velho e as Cavalhadas de Pirenópolis; em Minas Gerais, as festas em Romaria, Pastorinhas e Folia de Reis; no Amazonas, a festa dos Bois Garantido e Caprichoso; o Sírío de Nazaré no Pará; as Romarias ao Padre Cícero em Juazeiro do Norte no Ceará; a semana Farroupilha no Rio Grande do Sul; a Limpeza das Escadarias do Bonfim na Bahia e a Romaria a Aparecida do Norte em São Paulo, são alguns exemplos entre tantos existentes no país nos quais a fé em sua plenitude e a fartura da colheita são celebrados há tempos, mantendo, com isso, a tradição.

Mas não há como se esquecer do conhecimento empírico tradicional que também vem sendo transmitido. Quem não se lembra de antigos, embora atuais ensinamentos, tais como: não se pode beber água fria após torrar um café; mulheres não devem lavar seus cabelos em período

menstrual; chá de coentro é um ótimo antiespasmódico; chá de alecrim é um ótimo diurético; chá de gengibre é um maravilhoso termogênico; é sempre bom um chá de boldo ou de caferana para problemas gástricos. São muitos os ensinamentos empíricos, se levam ao conhecimento científico, é outra história, e não se pretende aqui contestar ou comprovar, o fato é que esses nos foram transmitidos de geração em geração e continuaremos tentando levá-los adiante.

Uma pamonhada em família; fritar um capado; rezar um terço; agradecer a colheita com uma festa em louvor; ir para Aparecida do Norte, para Trindade; celebrar o Pentecostes, a Páscoa; esperar a enchente de São José e várias outras tradições que têm sido repassadas no decorrer de gerações, a meu ver, são formas de manter viva uma identidade coletiva independente da fé professada por cada um, embora uma vertente crescente apenas as chame de ritos ou credences.

Quando Renato Teixeira escreveu “[...] sou caipira pira pora, Nossa Senhora de Aparecida”, o compositor quis apresentar pessoas simples em sua música, mas com muita determinação, e é essa qualidade que move a forma de se expressar por meio da fé, dos sentimentos, das aspirações e das tradições.

Hoje, ao passar por uma rua e sentir o aroma agradável de café torrado em casa, a primeira lembrança que se tem são de momentos alegres, regrados a um café bem caseiro e algumas quitandas feitas em casa. É bem verdade que esse costume diferenciado tem se tornado cada vez menor devido ao novo formato de bairros, casas e famílias.

As histórias são contadas de forma diferente, dentro de uma tela pequena de cristal líquido que, ao nosso entender, aproxima-nos do mundo, mas será que aproxima mesmo ou nos distancia cada vez mais? Não pretendo aqui ser saudosista, mas realista. Há pouco tempo, vi um filme antigo que remontava ao Japão no final da época dos samurais e início de novos rumos, o enredo do filme é bem comum, no entanto, para mim, ele mostrou a verdadeira sinopse da trama, na qual o Imperador do Japão responde a um de seus súditos: “Tenho sonhado com um país novo e grande, mas jamais podemos nos esquecer de onde viemos”.

Talvez seja esse o sentido de tradição, por meio dos costumes, de conhecimentos adquiridos, formar uma nova sociedade sem esquecer como fomos educados. A verdade é que manter um costume, uma tradição, a meu

ver requer bem mais conhecimento do que se imagina, pois é necessário ter os pés bem fundamentados em todo o arcabouço tecnológico (ou analógico do passado) para saber aproveitar as comodidades propiciadas pelo digital em nossas vidas.

CAPÍTULO 4



# UMA PROFESSORA COM CÂNCER



# UMA PROFESSORA COM CÂNCER

NOELLY ALVES DE SOUSA

Muita gente imagina que estar com câncer pode ser o fim da vida, mas nem sempre é assim. É complicado descobrir que está doente e lidar com a doença é mais difícil ainda. É preciso acompanhamento hospitalar contínuo, exames e mais exames, mas, naquele momento, este era o mal menor para quem acabara de separar e ficar sem teto após um divórcio.

Eu era uma professora com câncer, e uma professora com câncer, simplesmente, faz o tratamento como qualquer outra pessoa no mundo com essa doença. Mas foi ali que descobri que um professor não deixa de ser professor nem fazendo um tratamento de saúde. Pelo menos era esse meu pensamento naquele momento. Até porque era eu quem mantinha meu filho, as despesas de casa e a minha faculdade. E foi aí que a coisa se desenrolou. Passei a ver a escola como um hospital e meus alunos como terapeutas, psicólogos e, às vezes, até médicos. E, então, constatei que aquele lugar me trazia paz, mesmo com tantos barulhos e problemas. Sempre que ia embora fazia algumas reflexões intrigantes como: será que vou viver para ver muitos desses alunos se formarem, que não estava bem de saúde isso era fato, e nem era uma professora com um simples problema de saúde. Mas ir trabalhar com a sensação de que a qualquer momento você pode piorar e nunca mais voltar ali não é fácil, digo que é para os fortes enfrentar uma situação como essa. Contudo, na escola sempre me encontrava em situações ora engraçadas, ora emocionantes, e isso mudava completamente meu dia. E, às vezes, até esquecia que meus cabelos caíam sobre meu travesseiro quando eu dormia.

Certo dia, desmaiei na sala de aula, não foi a primeira vez, mas, depois daquele dia, tudo mudou. Era um daqueles dias de calor intenso, meu diretor não sabia que eu tratava de um câncer, não contei da doença quando fui contratada porque tive medo de perder o trabalho; e era a primeira escola que eu estava trabalhando na minha vida. De lá eu podia pegar meu filho, que estudava próximo, e ir para casa, então preferi ficar calada

e guardei a doença para mim. Era um dia daqueles, estava mais quente que o normal e eu já fazia uso de uma medicação muito forte há dias, assim, por não me alimentar bem, acabei desmaiando. Quando acordei, pude constatar a preocupação dos alunos, vi todos em cima de mim, me olhando, e eu ali deitada no chão, parecia que tudo rodava, quando olhei para cima, ouvi o diretor mandando todos irem para sala, explicando que eu tomaria uma água e voltaria.

Naquele momento, percebi que eu não era nada para a escola, que era só tomar uma água e tudo estaria bem. Essa foi a sensação que tive com tamanha frieza daquele diretor, não é novidade para a maioria das pessoas que trabalham na educação que falta empatia com os profissionais dentro das escolas, porém, na minha situação, doente e professora, me senti mais mal ainda com a indiferença daquele homem, pois havia desmaiado dentro da sala de aula, na frente dos meus alunos, e ele tratou a situação com muito descaso.

Ao acordar e recuperar a consciência, contei ao diretor que eu era uma paciente com câncer, e que minha doença não me limitava quanto a ser professora, ele quase me secou com o olhar, ficou parado, olhando para minha cara, e eu sem dar uma palavra, morrendo de medo de perder meu emprego. Foi aí que ele abaixou a cabeça, pegou um papel e fez algumas anotações, perguntou se eu já estava melhor e disse para eu ir pra sala, que conversaríamos no final da aula.

Voltei para a sala e, ao abrir a porta, todos os alunos vieram, ao mesmo tempo, me perguntar como eu estava, o que estava sentindo, se minha cabeça tinha batido no chão. Mal consegui entender o que eles falavam, eram tantos “professora”, “professora”... Foi quando percebi para quem realmente eu era professora. Eles ficaram muito tristes ao saber da minha doença, tive que contar pois sabia que poderia passar mal novamente na escola, já que não era a primeira e nem seria a última vez que passaria mal no trabalho, infelizmente meu tratamento estava só no início. No entanto, ver aqueles olhos cheios de lágrimas e preocupação comigo fez com que entendesse um trecho de Rubens Alves que tinha lido na faculdade. “Há escolas que são gaiolas e há escolas que são asas”. E, naquele momento, percebi que a escola realmente era os meus alunos.

E foi a partir daí que minha história como professora começou.

CAPÍTULO 5



TIVE MEDO..  
ESCRITOS DO TEMPO..



# TIVE MEDO...ESCRITOS DO TEMPO...

SANDRA MARIA MARTINS DA COSTA

Com os pensamentos trilhando alguns momentos da vida, pessoas, amizades, escola, trabalho – e pensando no ditado popular bastante conhecido “Viva como se o amanhã não existisse” – fui mexer em algumas coisas minhas e encontrei algo que escrevi no ano de 2007, do qual destaco o seguinte trecho: “Cada nascer do sol, mesmo que ofuscado por nuvens, é um chamado para viver, dedicar-se, ser cordial, oferecer, receber, amar, ser amigo! Como se fosse o último dia que o tivesse para fazê-lo!”

Cada palavra que dizemos pode ser a despedida, a última! Cada tchau pode ser um adeus; e, para cada hoje, pode não existir um amanhã, sendo um ontem, um passado para sempre! E ser um ontem, um passado para sempre. Lembro-me como hoje quando, há 19 anos, subia as escadas de um Boeing uma das pessoas que meu coração e o de minha família mais amavam nesta vida! Sorridente! Olhos mais lindos! Expressão de sonhos e mais sonhos com a vida, nos deixando um tchau enquanto lágrimas teimosas de despedidas rolavam..., mas nunca podíamos sonhar que, quando aquele avião alçasse seu voo, estaria levando quem tanto amávamos para nunca mais nos encontrarmos nesta vida! Que aquele tchau era um adeus!

Podemos ver alguém hoje sem nem nos preocuparmos com as nossas correrias da vida, em pararmos para dar um pouco de atenção, mesmo um “olá, como vai?” ou um aperto de mão, e não nos despedirmos, e nunca mais termos a oportunidade para fazê-lo, pois a vida é assim, e não conhecemos os traçados que ela nos reserva no amanhã ou até daqui a poucos segundos, quem sabe? Quem pode garantir, afirmar, ter certeza de que um adeus não nos aguarda? Por isso, devemos viver o presente, amar e aproveitarmos cada dia, cada amanhecer, cada oportunidade...

Sabe, ao encontrar esse trecho, comecei a meditar: é profundo pensarmos que muitas coisas passam nos traçados de nossas vidas... boas, ruins, alegres, tristes... Porém, um dia, tudo se transporta para um lugar

chamado “passado”. E, no passado, são só lembranças, fotografias, vídeos... Precisamos sorrir, viver, mas não nos esquecermos de pensar sobre isso.

Sempre estamos deixando para depois, depois será: “Quando der”, “Um dia”, “Quando”, “Uma vez”... E o tempo passa sem esperar ninguém, e nós não paramos para refletir, nem o tempo para de passar, e com ele tudo vai sendo levado, principalmente o que mais amamos. O tempo é como um grande temporal que se forma com densas nuvens, trovões e relâmpagos! E, muitas vezes, quando desce a chuva, vem devastando tudo que encontra a sua frente – e muitas das vezes lá se encontra o que mais amamos e queremos bem nessa vida! O que realmente nos dá sentido para vivermos!

Por vezes, conhecemos pessoas especiais que simplesmente chegam em nossas vidas como uma luz para iluminar! Mas, assim como chegaram, se vão! Suas chegadas e saídas se assemelham mais a um relâmpago, que clareia, mostra o caminho e logo se vai!

Outras, às vezes passam pela vida de outras também como um relâmpago, porém na tempestade, deixando cair um raio que causa danos irreparáveis! Tornando quase impossível uma reconstrução!

Outras são como uma chuva constante, brisa leve ou sol no tempo certo, fazendo constante bem, oferecendo amizade, segurança, conselhos...

Outras são especiais por apenas existirem! Não entendemos por qual motivo, é subjetivo, mas parece que tudo existe na dosagem certa para sabermos que existimos também.

E, continuando meu passeio pelos papéis que escrevo e os deixo..., encontrei este que mexeu comigo outra vez: “Tenho medo e continuo tendo medo do presente, do futuro, dos meus sentimentos, medo que eu não mais te veja!”.

Apesar desse medo, também sei que, mesmo que aqui seja noite, em algum lugar desse universo o sol está brilhando e sei que a alvorada raiará outra vez! Então, agora não quero mais ter medo, e sim coragem, pois sei que há horizontes lindos surgindo em diferentes lugares e em diferentes vidas! Existe uma linda aurora boreal...

O estudo, para quem sempre sonhou, é um horizonte lindo e maravilhoso! É como uma viagem que talvez não tenhamos realizado no tempo que queríamos, nem para o destino que antes desejávamos! Mas, agora que estamos fazendo e avistando o porto, só almejamos pisar

as praias, sentir o vento no rosto e, com muita gratidão, nos lembrarmos daqueles que às vezes passaram pouco por nossas vidas, mas para fazer toda a diferença!

Hoje estou agradecida por estar concluindo uma graduação pela Instituição e o Programa que nos proporcionou essa oportunidade, ou seja, ao IF Goiano em parceria com a UAB.

Dizem que o tempo é o melhor remédio e o mais eficaz para curar todas as feridas. Creio que, se pudesse perguntar, muitos confirmariam com suas experiências de vida e maturidade que, com o tempo, aprenderam a ser mais tolerantes, amáveis, sem preconceitos, mais empáticos e com uma visão holística de mundo.

Portanto, concluo que devemos caminhar na certeza de que os instantes são únicos, os momentos não se repetem – por mais parecidos que sejam – e os dias não se refazem. Por isso, ame, estude, faça o bem, viva como se o amanhã não existisse.

Porque passamos por essa realidade, mais propriamente nestes dois últimos anos, 2020 e 2021, até que se descobriu a vacina contra a Covid-19, muitos dos que amávamos já não fazem parte do nosso mundo hoje, só das estatísticas de mortos pelo coronavírus e das nossas lembranças, fotos, vídeos e nossos corações para sempre... Creio que cada um de nós carregamos uma lacuna, um vazio por alguém querido que perdemos como consequência desse vírus da Covid-19, e se alguém não perdeu ninguém, sintam-se vitoriosos nessa pandemia, pois foi um verdadeiro caos que assolou o mundo! Sem falar de tantos outros motivos que também podem romper essa ponte entre o hoje e o amanhã a qualquer momento. Acidentes ou incidentes da vida...

Sempre tive um sentimento em meu coração: o sorriso é uma dádiva que Deus nos deu para momentos. Então, que possamos usá-lo sem medida, porque haverá momentos nos quais será preciso serenidade, talvez silêncio e teimosas lágrimas! Aproveite o hoje, o presente como se não houvesse amanhã. Sem medo de viver! Respeitando apenas o limite de quem faz o mesmo que você! Que é tentar viver o hoje.

Lembre-se que, embora haja um lado reflexivo e angustiante da vida, ela é bela, surpreendente, maravilhosa e deve ser encarada com doçura, que Deus nos deu a vida para que a vivamos com graça, coragem, força, confiantes como uma criança nos braços de seus pais! A vida deve superar

nossos anseios, para que consigamos sorrir diante das adversidades, enchendo de perdão nossos corações, de alegria nossos dias e de vitórias nossos passos! Que possamos deixar escrito uma linda história para o nosso amanhã quando ele não mais existir! Que outros possam lembrar de nós e sorrir ao menos por pequenos momentos – aliviando suas cargas da vida, ao lembrar-se da nossa existência que por aqui passou e se foi no adeus.

CAPÍTULO 6



# A ÁRVORE E A MENINA



# A ÁRVORE E A MENINA

JANETH DE OLIVEIRA SILVA NAVES

Ela abriu a janela do quarto que dava para os fundos da velha casa da mãe e ouviu o barulho ininterrupto de carros passando em grande velocidade. Tudo estava muito diferente de quando aquela história começou.

Era uma vez um sítio sombreado e coberto de verde por onde passava um pequeno riacho. A cidade foi avançando e aquele lugar foi retalhado e vendido. Em pouco tempo, muitas casas foram construídas e, para isso, algumas árvores tiveram que ser cortadas. Uma delas, uma mangueira ainda jovem, observava apreensiva tudo aquilo. “Quando será a minha vez?”, perguntava-se.

Um dia, chegou uma família com quatro crianças, cercou um pedaço do terreno e construiu uma casinha bem perto dela. A mangueira sobreviveu e assistiu àquelas crianças crescerem. Elas permaneciam cada vez mais tempo no quintal em volta da casa e procuravam as grandes sombras para brincar – preferiam ficar sob o abacateiro ou o cajueiro. A mangueira esperava ansiosa pelo dia em que seria escolhida, mas esse dia nunca chegava. O tempo foi passando e ela se conformou com a falta de primazia.

Em uma manhã de sol, a jovem árvore observou uma das crianças passar por baixo dos arames da cerca e ir até o riacho – era Rosalina. Ela se abaixou e mergulhou um vidro grande na água várias vezes até conseguir capturar alguns girinos. Rosalina saiu de lá encantada com os bichinhos que se debatiam no frasco em que viveriam dali em diante e olhava para os lados temendo que alguém interrompesse a sua traquinagem.

A menina procurou um lugar seguro para esconder o seu tesouro. Andou de lá para cá até que a árvore deu um assobio, chamando atenção para duas de suas raízes expostas que formavam um vão que poderia ser o esconderijo perfeito. Rosalina ouviu o assobio sem saber de onde vinha, mas olhou na direção certa. Logo viu a forquilha meio enterrada e imaginou ter achado o lugar ideal. Sentou-se no chão, colocou o vidro no espaço entre as raízes e depois recostou-se no tronco da mangueira.

Ficou ali por um bom tempo assistindo ao balé dos girinos, depois foi embora para casa. No dia seguinte voltaria para ver como eles estavam.

A jovem árvore ficou feliz com a preferência. Enfim, tinha sido escolhida por uma criança. A partir daquele dia, seria uma amiga leal e se responsabilizaria por proteger os bichinhos do sol com sua sombra, e do vento com suas raízes. Estava orgulhosa porque agora compartilharia, com alguém, um segredo.

Todos os dias depois daquele, a menina ia se sentar ali. Recostava-se no tronco firme e protetor e avaliava o crescimento dos bichinhos. Ela sorria feliz ao ver que a pele deles ia mudando de cor, o rabinho diminuía e as quatro patinhas começavam a aparecer. A cada dia, uma pequena mudança ia acontecendo e Rosalina observava tudo com atenção. Ela se deliciava com o seu primeiro experimento. “Então era verdade o que os meninos diziam: aqueles bichinhos, que pareciam feijõezinhos pretos, viravam mesmo sapos”.

Depois de algumas semanas presenciando a metamorfose, Rosalina retornou ao córrego, dessa vez para libertar os sapinhos. A árvore observou com tristeza aquela cena, pressentindo que agora a amiga não viria mais, porém não foi isso que aconteceu. Por força do hábito, ao voltar do riacho, a criança sentou-se no mesmo lugar. De tanto ficar ali na sombra, ela se familiarizou com aquele tronco e com os seus galhos, e pensou que seria fácil subir na mangueira; as ramificações não eram tão altas como as das outras fruteiras mais antigas do quintal.

Na primeira tentativa, conseguiu, logo já estava lá em cima. “Como é fácil de subir!”, Rosalina gritou com entusiasmo, e a árvore, sua amiga, respondeu, sacudindo de alegria os seus ramos e folhas. Aquele farfalhar suave era uma música que só elas duas conseguiam compreender.

Um dia, a mangueira mostrou, lá no alto, dois galhos firmes que saíam do seu tronco quase em forquilha e que pareciam bem convidativos: um, mais embaixo, era o assento, e o outro, mais em cima, o encosto. A menina se sentou ali, balançou as pernas e sentiu conforto e segurança, ficava com as mãos livres para comer as mangas que ia apanhando ao subir.

Aquele passou a ser o seu lugar preferido... e não tinha um dia em que não fosse lá. Subia cantando, segurava firme no tronco, acariciava os galhos e sentia o carinho das folhas roçando o seu corpo. Aprendeu a conhecer cada parte da sua amiga, cada bifurcação e cada irregularidade

onde podia apoiar os seus pés. Subia até o seu trono e lá ficava ouvindo os sons do vento e apreciando a paisagem vista de outro ângulo. Ela não compartilhava aqueles momentos com ninguém, era só ela e a árvore; confidenciavam segredos e se alegravam fazendo companhia uma para outra.

Com o passar do tempo, aquele hábito foi se transformando em uma necessidade. Rosalina precisava daqueles momentos de relaxamento como se fossem uma espécie de meditação ou prece. E, assim, elas foram crescendo juntas. A mangueira ficou mais alta do que a casa. Lá do alto, era possível ver a rua por cima do telhado. Era bom ficar dali, oculta entre os galhos, observando as pessoas passarem pela calçada. A menina também cresceu e se tornou uma moça cada vez mais ocupada com os estudos e com as amigas. Sem perceber, ela foi se afastando.

A árvore, agora adulta, sentia falta da companhia. Ninguém mais vinha brincar na sua sombra e, no tempo das chuvas, as mangas caíam sem que ninguém viesse colhê-las. Ela observava Rosalina de longe, passando na calçada, saindo ou chegando, livros nas mãos e, às vezes, parada no portão, conversando com outras moças e até com rapazes. Parecia muito feliz, não devia mais ter tempo para se lembrar da velha amiga.

Uma tarde, apareceram homens que foram medir os quintais e ficaram muitos dias andando por ali. Depois, passaram uma cerca e a mangueira ficou do lado de lá. Construiriam uma avenida marginal, uma pista de cada lado do riacho. Era uma promessa antiga que ninguém mais acreditava que sairia do papel.

Alguns meses depois, levaram os tratores e derrubaram tudo o que estava lá. Quando a lâmina da máquina cortou o tronco da mangueira, não houve sofrimento; ela se deixou levar. A vida não tinha mais sentido, dor maior foi ser esquecida.

Naquele dia, Rosalina chegou da faculdade e notou uma claridade diferente. Saiu pela porta dos fundos e viu que tinham cortado todas as árvores depois da cerca. Uma pontada no peito a fez se lembrar dos momentos de contemplação que passara nos braços mais altos da sua árvore. Fechou os olhos e ouviu o farfalhar dos ramos, sentiu o frescor do vento, o cheiro fértil das flores caídas misturado com o de terra molhada, o doce sabor das mangas maduras e, depois, o amargo do despertar de um sonho.

O cenário de sua infância se fora para sempre. Do seu quintal, nada restara, apenas as lembranças preciosas que guardaria enquanto vivesse. E, mesmo cinquenta anos depois, em momentos de contemplação como aquele, ela ainda era capaz de olhar da janela e recompor a paisagem, relembrando cada detalhe, principalmente, a imagem da sua amiga: as raízes, o tronco, os galhos, a copa e o seu assento camuflado entre as folhas.

CAPÍTULO 7



# PRAÇA CENTRAL



# PRAÇA CENTRAL

SANDRA MARIA MARTINS DA COSTA

Várias crianças brincavam naquela Praça. Tenras, mas muito inteligentes, começaram a observar as flores, cada uma com seu perfume. E o que mais lhes chamou a atenção foram as cores: brancas, vermelhas, amarelas, roxas... E as folhas distinguiam-se pelos variados tons de verde; sem dizer das diversificadas cores dos pássaros que sobrevoavam os céus: pretos, azuis, amarelos, verdes, multicores – e misturavam-se em seus cantarolares como se formando uma grande orquestra. O sol, no seu poente, refletia seus dourados raios nas águas do pequeno lago, situado no meio da praça, até que se pôs e a noite caiu como um negro véu estendendo-se pelo céu.

A princípio não gostaram da ideia. Depois encantaram-se com as mais lindas estrelas, que piscavam no céu como vagalumes. A lua também fez questão de aparecer para dar seu boa-noite..., mas logo uma pausa na observação, hora de ir embora... E combinaram de se encontrar na Praça no dia seguinte.

No dia seguinte, ao se encontrarem, surgiu um assunto novo... e diferente! Foi quando os pais de uma das crianças a deixaram no lugar combinado. Ao despedir-se de seus pais, a criança disse, admirada:

— Meu papai e minha mamãe são os mais bonitos, morenos!

— Não! São os meus, ruivos! — retrucou a segunda criança.

— Calma aí! São os meus, loiros e brancos! — a terceira criança rapidamente discordou.

— Os meus são da cor de jambo, amarelos de pele clara, e marcam presença! — a quarta criança disse.

— Morenos claros os meus são! — a quinta observou.

— O papai e a mamãe são da cor de jabuticaba! São lindos! — a sexta criança exclamou.

— Cor de jabuticaba? — uma das crianças os interrompeu, colocando sua mãozinha na cintura, em atitude de admiração e reprovação.

— Sim, negros, lindos como uma jabuticaba! Sou feliz por puxar a sua cor — respondeu a criança.

Não satisfeitos, começaram a complementar com as qualidades profissionais dos seus pais e status adquiridos, tais como doutor, professor, advogado, empresário, outras falavam das profissões mais simples, mas de suma importância: serralheiro, marceneiro, tudo isso enquanto comiam pipoca e algodão doce.

Repentinamente, uma pausa ocorreu quando uma senhora passou cantarolando:

— O Amor é cego! É belo! É nobre! Mora em uma casinha bem escondidinha...

E se foi como um vento...Todas silenciaram-se, pensativas. Quando a sétima criança rompeu o silêncio:

— Pensem bem... Todos os papais e mães são bonitos! A cor da pele, cabelos, olhos, não importa! Não conheci meu papai porque foi morar com Deus antes que eu nascesse, nem minha mãe porque também se foi assim que eu nasci. Mas sei que eram lindos e legais!

Após isso, todas as crianças perguntaram a uma só voz:

— Então como sabe que eram bonitos?

— Porque sei. Os papais e as mães de todas vocês não são bonitos? Com certeza meus pais também eram! E os que me criam também são!  
— respondeu a criança sabiamente, com um sorriso maduro.

Nessa hora, voltava aquela senhora cantando como uma suave brisa. Então as crianças chamaram-na e ela voltou-se. Reunidas, contaram suas histórias a ela ao mesmo tempo em que colocaram-na como juíza da questão. Queriam que ela desse a sentença final!

— Quais pais eram os mais bonitos e importantes: os morenos, brancos, ruivos, negros...?

Então, a sábia senhora disse:

— Todos!

Antes que elas conseguissem questionar o porquê, aquela senhora saiu novamente, cantando sua canção, enquanto elas a ouviam como o soprar de uma brisa e um suave vento batia em seus rostinhos! Meditaram por um tempo... E, de repente, uma criança disse, admirada:

— É verdade, todos os papais e mães são bonitos e importantes!

— Já pensou se seus pais não vendessem pipocas e algodões tão docinhos e gostosos?! — observou a sétima criança.

E todas as demais concordaram. Saíram dali aprendendo uma grande lição: respeitar cada um em suas diferenças raciais, culturais, econômicas, sociais, físicas e emocionais ou outras quaisquer diferenças, diversidades ou deficiências.

Combinaram de sempre voltar àquela praça por meio de um pacto baseado em um dos mais nobres sentimentos: a Amizade, que anda sempre acompanhada pelo Respeito, e são como fortes elos que unem sem distinção e barreiras. Compreenderam que o Amor são os olhos da vida. Se amamos, tudo é belo!

Então todas se abraçaram e recordaram do dia anterior... do que Deus criou, e nada era da mesma cor! Ele preferiu até a noite para repouso, e o dia para tarefas várias! E tudo era muito lindo e encantador! Voltaram felizes, reconhecendo que só o Amor faz tudo lindo, e que todas as demais coisas fazem parte dos palcos da vida, nos quais cada um é protagonista de sua própria história! E, juntos, fazem um grande filme no qual cada um tem o seu papel! Que o Amor é a própria essência da vida!

Talvez você queira fazer uma visita a essa Praça...

Ah! Ia esquecendo-me de dizer o nome daquela senhora que caminhava pela Praça: Senhora Sabedoria. Por ali, sempre caminham bons conselheiros e nobres sentimentos, basta que vá encontrá-los: Prudência, Bondade, Lealdade, Ternura, Afeto, Paz, Paciência...Entre vários outros que procuram ali seu lugar de repouso.

Quer saber o endereço? Avenida da Análise quadra da Empatia, lote do Amor, número do Perdão, Praça Central da Reflexão, Bairro da Gratidão. Ah! O CEP é AMIZADE, na cidade que fica no Centro do coração, estado e capital. Vamos raciocinar e juntos descobrir quem são?

CAPÍTULO 8



# UM ESTRANHO CONHECIDO



# UM ESTRANHO CONHECIDO

ANA MARIA ALVES PEREIRA DOS SANTOS

Não. Você não me conhecia. Você nunca se interessou por mim. E, agora, já é tarde demais para te contar um segredo. Escrevo para minimizar a ideia do que poderia ter sido, do que não foi. De uma impossibilidade que agora é real porque estamos separados pelo tempo e espaço.

Você não me conhecia. Mas, sempre que você passava, meus olhos te acompanhavam. Era espontâneo, era natural, era importante. Sentia que eu poderia fazer parte da sua vida, da sua história, mesmo que nossos caminhos jamais se cruzassem e, agora, jamais se cruzarão. E hoje já é tarde para te contar.

Eu te observava do alto da janela do segundo andar. O fato é que parece que você sabia que era observado e se exibia mais. E, quanto mais se mostrava, mais lindo eu te desenhava na imaginação. E, assim, uma admiração pelo regador de plantas sem camisa crescia dia após dia.

Você não sabe e infelizmente jamais saberá. Eu soube quem você era pelo nome da rede do *wifi* e não acreditei quando li seu nome escrito ali. Te encontrei nas redes sociais, mas você nunca se interessou por mim. Te conhecia de antes. Já te acompanhava há tempos, bem, mas bem distante. Um estranho conhecido. Daí eu me dei conta de que já fazia bem mais de 10 anos desde a primeira vez que olhei para você.

E minha surpresa e espanto ao descobrir que você era meu vizinho foi de súbito uma ideia de que seria o destino. Mas não foi. Nunca houve nenhuma conversa além de meros cumprimentos e cordialidade. Você não me via e eu não fiz absolutamente nada!

Eu queria te contar que já até fui convidada para sua casa, mas eu não fui. Não poderia. Não sabia como explicar o que sentia pelo dono da festa na piscina. E, mais uma vez, nossos destinos não se cruzaram e agora já é tarde.

Você não sabe e jamais saberá que eu gosto de uma música que tem um trecho que diz “no fundo eu te espero em outra vida” e eu fico pensando que você não sabia, mas quem sabe a gente se encontra na próxima vida?

Eu não me despedi de você. Até porque você não me conhecia e ninguém entende por que sua morte mexeu comigo. Mas eu queria ter tido tempo de dizer da minha admiração por você e da vontade que eu tinha de saber mais de ti.

Eu acredito que você esteja num lugar de liberdade e paz. E eu espero um dia, em algum outro espaço e tempo, sussurrar no seu ouvido que eu te conheci desta vida e te contar que não houve tempo suficiente para eu criar coragem e te dizer o que queria. E que a gente tem tanta certeza do amanhã; e, às vezes, ele simplesmente não chega. E tudo o que poderia ter sido, não foi. E que não houve tempo bastante para dizer que eu poderia ter te ouvido tocar e viajado com você. Mas agora você jamais saberá.

E essa categoricamente não é uma despedida definitiva. Apenas um até breve, em outro lugar além...

CAPÍTULO 9



# CONTO DA MADRUGADA



# CONTO DA MADRUGADA

FABIANA ANGÉLICA LUIZ PEREIRA

A vida tem dessas estranhezas que intrigam muita gente grande, quanto mais a gente miúda que chamamos de criança. Quando pequena, eu gostava muito de dormir na casa de meus avós paternos nos fins de semana, estar lá era caminhar junto à liberdade, era deixar solta a curiosidade e receber toda a atenção.

O quintal de dona Sebastiana era meu jardim preferido, cheio de flores, tinha no tio Bastião um cultivador dedicado. Entre a vegetação, tinha: pés de goiaba, de pitanga, pés de feijão fava, carás do ar e uma infinidade de plantas comestíveis que eu nem conhecia o nome. Era meu esconderijo predileto, um pedacinho recôndito do campo, inserido no contexto exaustivo da cidade, um refúgio para mim.

Uma certa noite, eu andava de um lado para o outro na sala de jantar sem saber o que fazer para pegar no sono, afinal era uma cama estranha, tinha sombras agitadas no vidro texturizado da janela, eu estava muito agitada para dormir, tinha tantas caixas para “fuçar”, tantos mistérios a descobrir. Após fazer suas orações habituais antes de se deitar, minha avó veio conferir se eu já estava preparada para o doce sono das crianças, ao ver meu desassossego, resolveu me contar uma história.

Começou sua narrativa com uma pergunta: “Oh menina! você já ouviu a história do balaio, do algodão e da roca?” Eu, muito curiosa e intrigada, respondi que não. Então ela começou a desenrolar o novelo da história: “Quando era menina, morava lá no Tocantins, a mãe contava uma história pra nós sempre que a gente num queria dormir. Dizia ela que tinha uma ‘muié’ que era trabalhadeira e gostava de fiar algodão até tarde da noite na roca, o marido dela sempre dizia: “Mulher, olha, você vem dormir que já tá tarde, deixa pra mexer com isso amanhã!” Mas ela sempre respondia: “Daqui a pouco eu vô, meu velho!” E ficava até de madrugada trabalhando na roda de fiar com seu balaio, seu algodão e sua roda.

Certa noite, já era bem tarde quando ela estava trabalhando e ouviu umas pancadas na porta, um pouco assustada, ela perguntou quem era. Do lado de fora alguém respondeu: “Oi, eu vi que a luz estava acesa e vim trabalhar com você, me deixa entrar que junta a gente trabalha melhor.” Ouvindo a voz que parecia ser de uma moça, a mulher a deixou entrar, então as duas começaram a labutar, mas a dona da casa sempre sentia que tinha uma coisa estranha naquela moça. Quando já estava na boca da noite, a moça ficou com fome e disse que ia sair pra buscar um lanche pras duas, e saiu. Passaram-se mais de duas horas e nem sinal dela voltar, o tempo tinha esfriado muito, a neblina tampava a lua no céu, na mata só tinha escuridão, de longe se escutava os piados das coujas e o uivo dos cachorros do mato. Então, com muito receio, a mulher foi despertar o marido pra saber o que fazer: “Homem, homem, acorda! Olha, veio aí uma moça muito estranha, com um balaio, um novelo e uma roda, querendo trabalhar comigo e eu deixei, ela saiu faz mais de hora e até agora num voltou, o tempo tá medonho, tá me dando um frio na espinhela e arrepiando minha cacunda, o quê que eu faço?”

O marido respondeu: “Olha, mulher, vamos botar essas coisas dela pra fora, atear fogo em tudo, fechar as portas e ficar caladinhos aqui dentro, se ela voltar, a gente não abre a porta nem responde se ela chamar! A mulher concordou e assim fizeram.

Passada uma hora depois disso, chegou a moça de aparência esquisita, voltou e bateu muito na porta, com muita força, mas ninguém respondeu. Então, chamou seu novelo, seu balaio e sua roda, mas nenhum “piu” se ouviu, silêncio dos mortos. Ela dizia: “Ô de casa, abra a porta! Ô balaio, eu voltei, ô álcool, ô roda, abre a porta! Espancava com tanta força que parecia que ia derrubar, mas ninguém apareceu. De repente, já cansada de chamar e bater, deixou algo pesado cair no chão e falou: “Olha, eu vou deixar seu lanche aqui, o meu eu já comi viu?!” E foi-se embora. Quando o sol saiu e o galo cantou três vezes, um bocado assustado, o casal se levantou e, quando abriram as portas, ficaram mudos ao verem algo indefinido de pé do lado de fora, um saco enorme de pano de juta com um cheiro e aparência nojenta e escorrendo um líquido viscoso e escuro pelo chão, quando o marido cutucou com um cabo de bassoura, se ouviu o grito seguido de um estrondo! A esposa desmaiou ao ver um

corpo ensanguentado que caía do saco desamarrado, não era um corpo de bicho, o corpo – meu Deus – era de gente...

Depois de ouvir essa história, mesmo sem ter sono, eu ia me deitar pedindo pra Deus e tudo quanto era anjo que não deixasse essa moça bater na minha janela, que, se eu dormisse em paz, nunca mais jogaria pedra nos passarinhos, e nem mexeria na água do copo com a dentadura da minha avó. E, assim, passei minha infância ouvindo essas histórias que povoavam minha mente fértil naquelas noites insones.

CAPÍTULO 10



# CAPADINHO VERMELHO



# CAPADINHO VERMELHO

LETÍCIA SANTANA STACCIARINI

Nas rodas de bate-papo, em um tempo que desconhecia as redes sociais, a narração desse caso era recorrente. Mas – que fique bem claro! – apenas o público masculino tinha passe livre para tomar conhecimento do assunto. Ali, faziam-se presentes tão somente os netos da família. Aqueles “engraçadinhos”, retrógrados da macheza, viviam zombando da exclusão de suas primas ou irmãs, que podiam saber de todas as histórias do avô, menos, é claro, a do “capadinho vermelho”. Afinal, “meninas moças não podiam ouvir de tudo, seus ouvidos não foram feitos para certos disparates”, insistia o avô.

A sensação de revolta era geral! Por onde as netas passavam, interrompiam-se as risadas e, imediatamente, o rumo da prosa era modificado. Enquanto isso, abandonar a concepção da existência de uma história proibida parecia cada vez mais difícil. Que diabos seria aquilo? Um bicho? Um objeto? Uma comida? Enfim, por que tamanho mistério da estirpe masculina em torno de um tal de “capadinho vermelho”?

Anos e anos depois e ainda não tomamos conhecimento de nada. As informações são míseras e, devido à longa data, a temática tende a cair no esquecimento. Infelizmente, nós, pobres moças, não sabemos nem explicar ao certo o que é que não sabemos. Os netos cresceram e a história ficou na história! Contudo – diferentemente, talvez, das minhas primas – ainda me vejo atraída por essa curiosidade tardia:

— Jonas, estou com uma dúvida... você poderia ajudar-me? Como era mesmo a história do “capadinho vermelho?”

— E, por um acaso, acha que eu sei do que você está falando, irmãzinha?

— Como assim você não sabe? O caso que o vovô sempre contava, não se lembra? É que me esqueci de alguns pedaços.

— Ahhh, nooossa, verdade... ele o adorava!

— Então! E como era mesmo?

– Não sei, não posso dizer, ele deixou expressas recomendações para que nunca o revelássemos!

CAPÍTULO II



# PAN(DEMÔNIO)



# PAN(DEMÔNIO)

WAYRONE KLAITON LUIZ SILVA

“Num abrir e fechar de olhos”, rostos cansados nas telas dos computadores. Olhares em pânico saem de suas casas atentos às catástrofes. A geografia da cidade tem em sua lápide a fome e a enfermidade.

Mas, de repente, a escuridão do quarto solitário é rasgada ao meio como véu sob um feixe pulsante de luz. Pelo sol do cerrado, a dureza do concreto se compele na rachadura do quintal sob o desabrochar de uma flor. Aromas incendeiam a cozinha. Sabores novamente apetezem o paladar. E, quando burburinhos atravessam as paredes, o calor humano preenche e aconchega a casa.

A toda esquina, o trabalho provê o sustento. A cada amanhecer, a dor e o sofrimento da perda se quebrantam pela presença de sorrisos amigáveis. Intensamente e de maneira crescente, as qualidades humanas se ressaltam nas gentilezas. Emprestam-se braços, ombros e mentes para quem os tem pouco.

O raiar de liberdade é anunciado pelo soar da “trombeta”. Das cinzas, o corpo com asas emerge e voa. A desesperança cede à reinvenção da vida em seus mais nobres sentidos. E a cada suspiro de morte, a todo sopro de vida, um fugaz mundo sob delicado equilíbrio é descoberto. Para “num abrir e fechar de olhos”, a vida renascer de novo, de novo e de novo...

CAPÍTULO 12



# CURSO DE ESCRITA



# CURSO DE ESCRITA

RAQUEL MARTINS DE OLIVEIRA

Não sei como é na sua casa, mas, se você tem irmãos, sabe que sempre existe o que manda, o que obedece e o transgressor de regras. Entre mim e minhas irmãs, a divisão era visível, hierárquica e democrática. Regina, a mais velha, gostava de mandar; Rose, a do meio, era a boazinha – cuidava das irmãs e, para a manutenção da paz mundial, sempre evitava conflitos. A parte rebelde ficou para a caçula, no caso, eu.

Essa diferença de personalidades nem sempre era um problema. Vez ou outra as brincadeiras fluíam tranquilamente porque era necessário ter quem assumisse cada um desses papéis, como quando dividíamos quem seria o papai, a mamãe e a filhinha na brincadeira de casinha. A mais velha queria ser o pai, a do meio, a mãe e a mais nova, o bebê. Mas, na maioria dos casos, não se chegava a um acordo, havendo choro e ranger de dentes.

Como eu já conhecia o esquema, aprendi, digamos, a burlar o sistema para sobreviver em meio a esse ambiente. Um exemplo clássico era em relação ao almoço. Sempre que mamãe fritava batatas, Regina estabelecia com antecedência quantas unidades cada uma colocaria no prato. Eu, fã assumida dessa iguaria internacional, jamais me contentaria em comer fatias rigorosamente contadas só porque a irmã mais velha determinava que fosse assim. Sempre que possível, eu discretamente entrava na cozinha durante a fritura e sorratamente pegava uma ou duas lascas do tubérculo crocante. Digo, três ou quatro... Ou melhor, umas seis ou sete. Tá bom, eu enchia a mão sem dó para não passar vontade na hora da merenda. Dona Cleuza, minha mãe, fazia vista grossa e deixava passar o roubo das batatas desde que eu esvaziasse o prato na hora da comida de verdade. Era nosso acordo secreto.

Das filhas, sempre fui a mais debilitada. Quando bebê, tive certa dificuldade para mamar no peito. Assim que aprendi a ficar de pé, adquiri um problema devido à deficiência de cálcio no organismo. Os ossos inferiores das pernas pareceram não suportar o peso do corpo e, como

dizia vó Ângela, “envergaram” e ficaram parecidas com as alças de um alicate. Mesmo caindo com frequência, acompanhava a marcha e a correria das demais crianças.

Driblar meu enjoo alimentar, no entanto, era mais difícil do que cuidar do problema das pernas. Nunca antes na história da família houve alguém tão seletivo para comer. Por mais que mamãe e vovó tentassem, eu não aceitava engolir qualquer coisa. Elas inventavam sopas, sucos, os mais diversos pratos, e eu simplesmente não aceitava. Quando obrigada a me alimentar de algum desses pratos, ou cuspia, ou forçava vômito. Por várias vezes mamãe levou bronca de pediatra por causa da minha aparência esquelética. Comprou inúmeros medicamentos que prometiam aumentar o apetite, e nada de resultados aparentes. Por isso, dona Cleuza não reclamava quando eu me animava a comer, ainda que fossem apenas batatas fritas.

Na hora da refeição, a fiscalização era intensa. Rodela por rodela, era rigorosamente calculada para que a divisão fosse justa. Mal sabiam as irmãs que antes da distribuição eu já havia devorado quase metade da bacia. Anos depois, ao confessar o crime numa roda de família, soube que Regina e Rose estranhavam minha serenidade no momento de fracionar as porções. Elas jamais imaginaram que era porque a pança da magrela já estava abastecida com os chips.

Outra situação de resistência era no curso de escrita para canhotos, ministrado pela professora, artista, desenhista e estilista, Regina. Por alguma razão, ela não admitia o fato de eu escrever com a mão esquerda e insistia em me ensinar a segurar e a usar o lápis na mão “certa”. Assistindo a um documentário com papai, ouvimos a história de que os canhotos foram perseguidos durante anos, desde séculos antes de Cristo nascer. Muito tempo depois, espalharam o boato de que o indivíduo que não aprendesse a usar a mão direita era considerado bruxo, rebelde e, para manter a paz e a ordem, eram condenados à morte. Conforme o narrador daquele programa televisivo, o preconceito persiste até a atualidade, basta observar os objetos e equipamentos feitos exclusivamente para a maioria destra. Fiquei impressionada ao saber de um imperador famoso que sofreu *bullying* por ser canhoto. Foi o rei George 6º, pai da rainha Elizabeth II e bisavô dos príncipes ingleses William e Harry. A família nunca aceitou que o menino usasse o membro oposto ao socialmente aceito para redigir.

Usaram formas terríveis para obrigá-lo a escrever como a maioria das pessoas. Dizem, inclusive, que ele desenvolveu dificuldades para falar depois das crueldades às quais fora submetido.

Certamente Regina se impressionou com o que assistiu. Deve até ter se inspirado nos relatos para planejar as aulas de tortura, quer dizer, de como escrever bonitinho e com a mão que considerava a correta. A vantagem é que eu não sofria quaisquer outros atos de crueldade, apenas o castigo de permanecer sentada no degrau de entrada da sala de casa fazendo caligrafia, enquanto ela se divertia no quintal.

As aulas eram sempre à tarde, quando o sol estava mais fraco. As tarefas eram simples: consistiam em copiar várias vezes uma frase escrita pela professora no topo do quadro negro, cujo tamanho possibilitava ser apoiado no colo. Assim que escrevia a sentença, Regina saía para dar uma volta no quintal. Quando retornasse, a lição deveria estar concluída.

Em princípio, eu até achei o desafio legal, mas, com o passar do tempo, a vontade de largar o material e inventar uma diversão falava mais alto. Eu só não saía do lugar porque, se deixasse de preencher o quadro, teria que fazer mais frases e passaria a tarde sentada, de castigo.

Eu já disse que era a rebelde da família? Pois então, não seria dessa vez que me declinaria a fazer algo do qual não concordava e julgava não ser bom para mim. Confesso que até pensei em fingir um desmaio ou um ataque do coração para não precisar mais ficar ali contemplando as árvores do quintal que faziam divisa com a casa da vó Ângela, mas não sabia o que fazer para a ressuscitação parecer verdadeira e eu não levar uma bronca quando a mana descobrisse a verdade.

O plano teria que ser muito bom para me livrar daquele aprisionamento. Olhei para o lado e vi o pé de romã. “Quem sabe se eu me esconder lá em cima ela não me veja e se esqueça do curso?”, pensei. “Os galhos são muito finos. E também não sei escalar árvores.” Do outro lado, o limoeiro. Sem chance. Apoiei o queixo na mão esquerda, desanimada e quase sem esperança. Junto ao som dos pássaros que cantavam nos variados galhos, ouço passos se aproximando. O quadro negro ainda estava vazio. Não havia escrito uma linha sequer. Pensei na bronca que ouviria e na eternidade sentada naquele frio degrau. Ao começar a escrever, deixei o giz escorregar da mão e, ao tentar pegá-lo, o quadro se desequilibrou e ficou entre a

perna e o chão. O barulho do chinelo arrastando no solo ficava mais e mais alto. Fiquei paralisada quando senti alguém parando ao meu lado.

— Tá brincando de escolinha sozinha? — Rose perguntou.

— Não — disse com o coração quase saindo pela boca. — Regina está me ensinando a escrever com a mão direita.

— Ah... — disse reticente como se quisesse de fato dizer “que chato”. Virou as costas e saiu.

Puxa vida! Eu não poderia ter dado uma resposta melhor? Era a chance de pedir socorro, de dizer que estava ali de castigo, sendo torturada pela própria irmã. Poderia trocar de lugar, colocar a doce maninha para executar a missão que para mim era impossível. Ou, então, me levantar, sair para brincar e dizer que Rose tirou minha concentração e, por isso, não tinha dado para preencher o quadro. Mas, naquele momento de tensão, nada disso me passou pela cabeça.

E agora? Tinha que bolar um plano. E rápido. Certamente os próximos passos seriam os dela, a terrível professora, também conhecida como irmã mais velha.

Decidi pôr em ação um plano arriscado: faria, do jeito mais feio possível, a cópia da frase, porém com a mão mais habilidosa. Peguei o giz e fiz o garrancho. Nossa, que tosco! Até que ficou bom. Bem na hora! Mal devolvo o giz para a mão direita, Regina se aproxima e checa meu progresso. Com um elogio seco, ela promete dar outra volta no quintal. Com um tom ameaçador, disse que queria tudo pronto quando voltasse.

Sem levantar a cabeça, respondi que havia entendido. Fui tomada por uma mistura de satisfação pelo sucesso do plano e vergonha por tê-la enganado. Já que meu objetivo era sair logo dali, dei prosseguimento ao que havia dado certo. Faltava apenas uma frase para terminar quando ela voltou... Olhou, corrigiu as letras fora da linha e saiu para mais uma volta sem dizer uma palavra. “Eu sou demais!”, pensei. “Agora essa tormenta acaba rapidinho.”

Mal sabia eu que ela já havia descoberto o plano. Era especialista em identificar fraudes redatoriais. Desde a primeira linha, desconfiou que havia algo errado e não descansou até matar a charada. Depois da primeira volta, propositalmente caminhou até a parede da casa da vó Ângela e daquele local, escondida, assistiu calmamente ao desenvolvimento do que, para mim, parecia o plano perfeito. Para ter certeza de que eu a

tentava enganar, fingiu acreditar na malandragem e simulou outra volta. Eu, me achando a pessoa mais esperta do mundo, mordi a isca e continuei trocando o giz entre as mãos, na esperança de em breve ser liberada do cativeiro a céu aberto.

Ao terminar a última letra e aparentando confiança, aguardei o retorno da professora. Ela chega, e mostro a lousa totalmente preenchida com a caligrafia deficiente, na certeza do que parecia ser dever cumprido. Talvez ela reconhecesse meu empenho e me presenteasse com a tão aguardada liberdade. No entanto, sentou-se ao meu lado e imediatamente apagou toda a escritura com a palma da mão... Direita, é claro. Começamos a discutir, e ela disse ter visto a fraude. Ordenou que eu comesse toda a caligrafia do zero. Nada do que eu dissesse consertaria o estrago. Por conta de uma mentirinha de nada, fui forçada a refazer tudo. Dessa vez, com ela sentada ao meu lado.

Regina não perdeu por esperar. Assim que mamãe chegou em casa, contei o ocorrido. Disse que fiquei a tarde toda de castigo e que a primogênita tinha me proibido de usar a mão esquerda para sempre. Abusei da posição de fragilidade e fiz o máximo de drama possível. Mostrei o quadro para dar veracidade aos fatos. Regina ouviu uma bela bronca e terminou o dia de cara amarrada para mim. Mostrei a ela que não bastava ser general, tinha que ser ardilosa.

Pensei que tudo seria esquecido após uma boa noite de sono. Todas as manhãs, era costumeiro dividirmos a pia do banheiro para escovar os dentes. Porém, no dia seguinte, a mana mais velha se atrasou. Fez questão de esperar eu sair do banheiro para, então, terminar sua higiene pessoal. Estava chateada por eu não aceitar sua ajuda e ainda tê-la feito levar uma reprimenda. Fez questão de virar o rosto ao passar por mim. O percurso até a escola foi silencioso. Dentro do carro, mamãe até tentou puxar assunto, mas as respostas vagas e monossilábicas não motivaram a manifestação de Regina. Passamos o dia sem nos falar, em uma orgulhosa competição de quem resistiria sem dar o braço a torcer. Rose, a pacificadora, não aguentou ver a disputa e resolveu interferir. A coitada, toda carinhosa, disse que não era certo ficarmos de mal uma com a outra.

- Só volto a conversar depois que ela me pedir desculpas.
- Eu também.

Tentando outra tática, a irmã do meio nos convidou a brincar de teatrinho após o almoço e ouviu um sonoro “não”. Enquanto pensava no que fazer, a convidei para brincar de casinha. Querendo agradecer, aceitou, mesmo não gostando muito da brincadeira. Em questão de minutos, Regina usou o talento nato para montar a melhor casa de bonecas em cima de sua cama. Aquilo parecia uma mansão: os cômodos, divididos com blocos de encaixar, estavam mobiliados com o que ela encontrou disponível. A toalha se transformou em um sofá, a caixa de sapatos transformou-se em uma cama. O porta-joias virou uma geladeira e uma caixa de enfeite, um fogão. Quando viu tudo pronto, Rose se viu inclinada a observar de perto, mas foi ameaçada por mim:

— Se você falar com ela, nunca mais falo com você!

— Se você continuar aí — disse Regina — eu é que não converso mais com você!

A vítima começou a chorar no meio do fogo cruzado. Disse que estava triste porque queria as irmãs unidas de volta e que não ficaria do lado de ninguém. Sentou-se na cama e tampou o rosto com as mãos. Regina e eu compreendemos que ferimos quem não tinha nada a ver com o assunto. Nos sentimos mal e fomos consolá-la. Pedimos desculpas a ela e demonstramos desejo de voltarmos a conviver unidas e em paz. Nos aconchegamos em um abraço gostoso, daquele que enche o peito de amor. Prometemos que para sempre ficaríamos unidas. Juntamos as bonecas e passamos o final daquela tarde brincando de escolinha. A lição mais importante, a do amor fraterno, ficou marcada em nossas memórias com caneta permanente. Com qual das mãos ela foi escrita? Não mais importava.

CAPÍTULO 13



# VIAGEM NO TEMPO



# VIAGEM NO TEMPO

JANETH DE OLIVEIRA SILVA NAVES

Joyce Avelar estava prestes a realizar a jornada pessoal mais importante de sua vida. Sigilosamente, ela se posicionou no túnel e seus dois fiéis assistentes digitaram as coordenadas. Não ousavam contrariar as ordens da renomada cientista e uma das principais colaboradoras daquele projeto. Ela era professora de física em Londres e participava das mais importantes organizações internacionais na área de astrofísica. Dedicou-se, desde a juventude, a pesquisas sobre buracos negros e questões relacionadas a viagens no tempo, além de ter participado de grupos de estudo que deram continuidade às teorias de Einstein e Stephen Hawking, que lançaram as bases para os projetos que permitiram a construção do túnel de teletransporte quântico. Para vencer os paradoxos que impediam essas viagens, como a entropia do universo e o princípio da conservação de energia, desenvolveram um dispositivo capaz de projetar imagens holográficas através do tempo, o que possibilitaria a interação do usuário com novas dimensões de realidade e com suas personagens.

Em meio a um ruído ensurdecedor, ela começou a experimentar sensações estranhas, que culminaram em um total arrebatamento de si mesma e na visualização de espectros de outras realidades até se fixar em uma delas. Percebeu-se, então, diante da casa que conheceu muito bem. A terra estava encharcada e o céu nublado anunciava mais chuva. Passou pelo corredor que dava acesso ao quintal dos fundos e ficou espreitando atrás de uma árvore. Reconheceu a criança que saiu correndo para o quintal e foi encontrá-la brincando no balanço debaixo da grande mangueira. A menina olhou para a imagem daquela mulher se aproximando e se intrigou com a figura estranha no quintal de sua casa.

— Oi, Jô! — disse Joyce para a criança.

— Oi! — A criança ficou olhando para a desconhecida, esperando que ela se apresentasse.

— Você deve estar me estranhando, não é?

— É. Você é de verdade?

— Pode não parecer, mas sou de verdade.

— Eu nunca vi você aqui em casa antes. É amiga da mamãe?

— Sou... Sou muito mais do que amiga. — Joyce pensou em explicar de onde vinha, mas retrocedeu; era pedir demais que uma criança de seis anos compreendesse como chegara ali.

— Eu estou aqui pra te pedir uma coisa muito especial. É muito importante mesmo, e acho que você é a única pessoa que pode fazer isso.

— E o que você quer me pedir pra fazer? — perguntou a menina, olhando curiosa para a estranha figura.

Joyce se posicionou bem de frente para a menina, abaixou-se e mirou fixamente aqueles olhos negros tão vivos e alegres, mas que em breve não seriam mais os mesmos.

— Jô, o seu pai vai viajar daqui a pouco, não vai?

— Como é que você sabe?

— Não importa como eu fiquei sabendo. O que importa é que você precisa me ajudar a fazer ele desistir. Essa viagem não vai ser boa para ele, nem para vocês. Pode acontecer uma coisa muito ruim. Ele não pode ir!

Os assistentes ouviam a voz de Joyce falando em português e a viam se movimentar; não sabiam o que estava se passando, mas presumiam o sucesso da experiência.

— Mas como vou fazer ele desistir? Foi o chefe dele quem mandou — a menina ficava cada vez mais confusa. — Sabe, a mamãe já me explicou... quando eu choro querendo ele, ela me fala que ele precisa trabalhar para poder comprar as coisas aqui em casa.

— Eu sei, Jô, mas é só desta vez. Por favor, me ajude a conseguir isso! — falou em tom de súplica, tentando ser convincente. — No futuro, você vai ver que eu estava certa. Olha, eu já pensei em tudo. É só você dizer pra ele que está com muita dor de cabeça e de barriga, que já vomitou e que não está enxergando nada. Mas tem que fazer cara de doente também, viu? Pode até fingir que está desmaiando quando chegar perto dele. Combinado?

— Sei não... Será que ele vai acreditar?

— Promete que vai tentar? Por favor, pelo amor que você tem a ele!

— Tá bom. Vou tentar.

— Então vá lá e faça tudo como eu te falei e depois volte para me contar. Vou ficar te esperando.

A menina correu de volta para casa e, ao entrar na cozinha, viu o pai, que a buscava.

— Oi, Jô, estava te procurando para me despedir. Papai já está indo. — E a pegou no colo antes que ela pudesse fingir o desmaio.

— Paizinho, não vai não! Eu tô muito mal, a minha cabeça e minha barriga estão doendo muito e eu estava vomitando lá fora. Fica aqui. Você me leva no médico?

— Escute, filha, já conversamos sobre isso. Esse é o meu trabalho, eu tenho que ir. Você vai ficar com a Matilde, já, já a sua mãe vai chegar do trabalho e vai te levar ao médico. Eu preciso ir agora.

Sentindo aquele aperto no peito tão familiar que precedia suas viagens, ele apertou a filha entre os braços, deu um beijo em sua testa e, em seguida, a pôs no chão. Chamou Matilde e recomendou que desse para Jô aquelas gotinhas amargas que ela detestava.

A menina, decepcionada, só teve tempo de ver o pai pegar a mala, acelerar a vespa e deixar no alpendre aquele cheiro de combustível do qual ela se lembraria para sempre. Depois, correu para o quintal e ainda conseguiu ver a imagem da mulher se desfazer e desaparecer da mesma forma que surgiu.

No dia seguinte, quando o padre, amigo da família, veio dar a notícia da morte de Marcelino, a menina se lembrou do que a estranha tinha lhe dito no que, agora, parecia um sonho. Além da tristeza, ela guardou consigo a sensação ruim de que poderia ter feito alguma coisa para impedir a viagem do pai e que não fora capaz de fazer.

De volta à realidade do laboratório, Joyce foi recebida com curiosidade pelos assistentes. Contou o que sucedera, evitando os detalhes, e recebeu cumprimentos entusiasmados pelo sucesso da viagem. Apesar do feito inédito, ela não sentiu nenhuma alegria pela realização.

Após todos saírem, ela ainda permaneceu muito tempo ali, contemplando o túnel. Não temia a punição que poderiam sofrer, pois os testes desse equipamento ainda não estavam autorizados, o que a inquietava era a conclusão contundente. Apesar das máquinas sofisticadas, dos conhecimentos acumulados sobre espaço-tempo, de todas as teorias que tentavam explicar o universo e que possibilitaram as viagens através

do tempo, muitos paradoxos continuavam sem explicação. Até aquele momento, as tentativas para alterar o curso da história não tinham obtido sucesso. A teoria da causa e efeito e as leis da física ainda conspiravam para que os destinos permanecessem imutáveis, protegidos pela chamada “conjectura de proteção cronológica”. Era mais um desafio que teriam que vencer, talvez viajando para o futuro.

CAPÍTULO 14



# GEOGRAFIA DOS SONHOS



# GEOGRAFIA DOS SONHOS

SANDRA MARIA MARTINS DA COSTA

Era um dia que parecia comum como qualquer dia. E logo vi que tu eras como a força de um sol, que brilhava diferente para mim... A princípio, não compreendi, mas percebi que dirigias-me com clareza a todos os pontos cardeais da Terra. Me norteavas, sem que percebesse, em teu lindo olhar, e fazias-me localizar o Norte no brilho do teu sorriso; e, assim, já não era difícil, nem parecia impossível, por planaltos ou planícies, encontrar já o Leste, o Oeste, o Sul e todos os outros pontos subcolaterais, pois essa viagem se tornava como um passeio...

Compreender que, na imensidão do azul, viajava nas asas do vento do infinito, as massas de ar frio ou calor! Assim como a saudade, anda de verdade, de mãos unidas com a despedida! Perceber a geografia da Terra, que parece por ela estar traçada! Que conhecer-te-ia algum dia!

Eras o espaço que preenchia com tanto encanto o meu lado vazio da vida! Ressurgias para mim como a esperança, que, como a força do sol e seus raios únicos, poderosos e fortes, fazia-me enxergar mil anos-luz na geografia do céu! Esses raios eram tão fortes que me rumavam ao infinito! Falhei em aprender, em avistar que, ao meu lado, me ensinavas a latitude e, com precisão, a longitude das linhas imaginárias da vida! Ah! Em pouco tempo, viajei na geografia dos sonhos!

Levavas-me, sem que soubésseis, a sonhar com a felicidade! A crer que, em tua amizade, teria encontrado o endereço desta de verdade! Esse passeio parecia maravilhoso...Eu não queria que ele acabasse! Mas de repente...Vi chegar, como uma fria neblina, a despedida! Relutei! Chorei! Não queria isso! Queria continuar sob o brilho do sol do teu sorriso! No entanto, aos poucos, vi desfazer-se o teu brilho...E as nuvens da despedida da vida, cada vez mais densas, tapavam o brilho do sol do teu olhar...

Já não contive as lágrimas! Até o céu chorou comigo como um amigo. Suas gotas cristalinas, que se juntaram às minhas, formaram uma mina,

uma nascente, para correr o “Rio da Saudade”. E, assim, não soube mais localizar-te!

Refugiei-me na saudade, pois era a única que, com as asas da solidão e a lembrança sem barreiras, levava-me outra vez a reviver-te no brilho do desconhecido... Como um aluno que se refugia nas asas da leitura para levá-lo a fazer seus passeios incríveis! Aparentemente impossíveis! Conhecendo lugares singulares!

Achei que, por pouco, estava a reviver um clarão que poderia trazê-lo consigo... Com muito medo, tentei rompê-lo, mas tive medo, muito medo, confesso! E recuei! Pois avistava o teu brilho, e eu era como a menor das estrelas, sem luz própria, cujo único brilho parecia ter sido ofuscado. E entendi que nem mesmo teu brilho me faria brilhar algum dia! E, assim, escondi somente tua lembrança dentro de mim...

Tantos anos se passaram...

Procurei viver no meu mundo, mas nunca deixaste de existir no cantinho reservado do brilho da minha vida, no meu coração. Dizem que até as pedras que são pedras no caminho se encontram. Ah! Como sonhei encontrar-te! E, por longos, vários anos, tu te tornaste o incentivo oculto da minha vida! Como o coração é importante para o corpo, tua recordação era importante pra mim! Nunca me esqueci do Norte, Sul, Leste, Oeste, da longitude... Principalmente desta! Te procurei! Te esperei, todo o tempo...

Tempo em que, dia após dia, te procurei com os olhos, com os sentimentos, com o desejo ardente de encontrar... Encontrar-te! Coração que pulsa meu desejo íntimo de viver, de esperar, de reencontrar-te!

Sabe como sempre foste para mim? Como um ornamento, perfeito, inigualável, íntegro, único! Ficaste guardado no cantinho reservado do meu coração para admiração... Admiração contínua, sem fim...

Ensinaste-me como estudar o mundo, o todo, o abrangente, com teu sorriso de entusiasmo! Com tua voz aprazível, com teu olhar penetrante, com a força contagiante do teu ânimo! Ah! Eras o sonho! Mas, ao mesmo tempo, o mais real que pudesse existir!

Continuei te procurando, te esperando...

Entretanto, as densas nuvens do tempo, dos anos, da distância, do perto – tão longe – não me permitiram encontrá-lo, admirável meu! E,

na companhia da esperança, tive que ficar aqui no porto da espera, na avenida da lembrança, na praia às margens do Rio da Saudade.

Mas, num determinado dia, após acordar de um sonho... Sonho verdadeiro, aquele que se sonha dormindo, e nele te vi no brilho de sempre! Inigualável! Não muito depois, estavas surgindo como um clarão no horizonte atrás dos montes! Uma voz norteava-me novamente onde estavas! Pude sentir que eras o mesmo admirável que um lugarzinho dentro do meu peito havia resguardado todos os anos que se passaram com carinho... Confesso, sorri, aliviada! Emocionei-me como quem está perdido e encontra o caminho. Encontrei! Encontrei-te! O sol da minha vida!

Sonhei muito, e pensava estar acordada!...

Mas, de repente, o meu castelo de sonhos, feito nas areias da praia desta vida, desmoronou-se. Acordei, agora de verdade, para deparar com a realidade!

E agora sei... Todo esse tempo que te procurei, somente sonhei. E agora acordo na realidade de não te ter, sem ao menos ter o direito de continuar sonhando! Mas voltas ao cantinho seguro, onde guardo-te para sempre!

Continuarei esperando-te! Procurando-te!

Nesse cantinho seguro, serás sempre único, inigualável, guardado pelo mais puro e sublime sentimento de querer-te bem acima de tudo neste mundo! Te esperarei para sempre, pois essa esperança insisti em sobreviver!

Como gostaria que ensinasses a geografia dos sonhos de minha saudade e nunca das chuvas que, em forma de lágrimas, correm de uma realidade!... Por isso, estarás para sempre na geografia dos sonhos meus!... Meu admirável e o sentimento de ter sua amizade!

CAPÍTULO 15



NÃO SE BRINCA COM  
OS MISTÉRIOS DA  
SANTÍSSIMA TRINDADE



# NÃO SE BRINCA COM OS MISTÉRIOS DA SANTÍSSIMA TRINDADE

MARCOS FERNANDES DE OLIVEIRA

O sagrado, santo, puro sempre trouxe bastante respeito, reverência e solenidade por parte das pessoas em relação à determinada tradição de costumes. E é esse conjunto de posturas bem definido que, na opinião de muitos catequistas, ordena a conjuntura social, embora algumas pessoas, seja pelo livre arbítrio, pela curiosidade ou pelo simples fato de não concordar com esse “código de postura”, insistem em burlá-lo.

As estórias contadas como verdades absolutas por nossos pais, avós e até mesmo pelas autoridades eclesiásticas, constituem-se em ferramentas poderosas na infância de muitas pessoas. Sempre existiu e existirá uma estória assombrosa que se passa na Semana Santa, a semana estipulada pelo calendário cristão que remonta aos últimos passos de Jesus entre nós antes da ressurreição.

Nossa história aconteceu aqui pertinho de Rio Verde, a cidade tem, por si só, regiões ao seu redor carinhosamente batizadas pelo povo, como: Capa Branca, Boa Vista, Cabileira, Três Placas, Salgado, entre tantas outras. Desde cedo, aqueles criados no regime do catolicismo sempre ouviram recomendações diversas sobre o que é extremamente proibido fazer na semana santa, principalmente na Sexta-feira, além da já tradicional restrição de se comer carne por respeito ao período da quaresma.

Não é permitido varrer a casa na sexta-feira santa, não se ouve música, não é permitido esperar na semana santa, principalmente na sexta-feira, corre-se o risco de virar assombração levado pelo “Curupira” ou pelo pior deles, o “Boitatá”.

Vamos aos fatos – os nomes dos personagens serão trocados por respeito às pessoas –, na região das Três Placas, já chegando a Salgado, a entrada dessa região fica na altura do Km 35 da Go-174, indo para Aparecida do Rio Doce e Caçu, vários caçadores acostumados a montar um

giral e ficar esperando bichos contavam que, por vezes, não conseguiram ficar na mata devido ao medo, pois, por volta da meia-noite, o “boitatá” vinha em seu carro de boi e o carro cantava triste demais, um som agudo bem triste que aumentava o volume com o silêncio da mata à noite.

É claro que os caçadores fugiam e deixavam seus girais ali montados até com os sortimentos, alguns, quando iam até a venda ali perto buscar uma “branquinha”, até juravam pela Santíssima Trindade que voltavam no local e viam as marcas das rodas deixadas no chão.

Surge, então, nosso herói, João Luís, vaqueiro experiente, nunca teve medo de nada, não acreditava em assombração e dizia que, com ele, o boitatá sentiria o gosto do chumbo quente e ainda soltou bravata depois de beber mais “branca”, falando: “Vou lá na sexta-feira da paixão” e aí todo mundo gritou: “Olha a falta de respeito!”, mas ele continuou: “Vou e vou mostrar aqui as rodas do carro do boitatá.” Seu pai ficou sabendo do acontecido e falou as últimas para o filho, este ouviu o pai atentamente e, apesar de seus 40 anos, disse: “Pai, eu vou, se quiser, o senhor vem comigo.” Passados 30 dias, lá foram os dois, um terço benzido pelo bispo, sal grosso, um litro de cachaça, um bom pedaço de fumo enrolado por eles mesmos no quintal de casa, duas “28”, pólvora e chumbada de pegar filhote, grande mesmo, capaz de abrir um buraco enorme.

Montaram o giral na mata perto da furna e ficaram ali, bebendo, esperando e olhando no relógio Oriente, um presente do avô ao João Luís; quando marcou onze e meia da noite no relógio, os dois começaram a ouvir o cantar triste do carro lá longe, descendo a furna, “aooooonnnnnnnn iiiiiiiinnnnnnnnnn”, e parava, começava de novo, “aoooooouonnnnnnnn iiiiiiiiiiiiiiiinnnnnnnnn”, e parava. A coragem que vinha da garrafa já estava no fim, uns dois dedos no máximo. Aí, João Luís começou a gritar e a chorar de medo: “Pai, eu não quero ir, pai, eu não quero ir...” Seu pai falava: “Fica quieto e cala a boca!”, foi então que o pai do João começou a sentir uma catanga e bradou: “Filho, é o boitatá mesmo, sente a catanga de merda!” E, para o espanto do pai, o corajoso João, que não tinha medo de nada, desceu correndo e gritando: “Pai, desculpa, caguei na roupa toda!”, e correu, largando o pai sozinho na empreitada. O carro só chegou quando parou debaixo do pau onde estava o giral, então o pai de João abriu fogo uma vez, pegou a “28” do filho e atirou de novo. Focou a lanterna depois de rezar um Pai Nosso, após isso viu o “boitatá”, que nada mais era que

um porco espinho ou seu primo distante que, por aqui, chamamos de Luis Caxeiro, muito velho, com espinhos enormes que roçavam um no outro, emitindo aquele som agudo e triste.

No outro dia bem cedo, João pegou o leiteiro, veio pra Rio Verde e não voltou a Salgado nem para ajudar a buscar a mudança do pai e da mãe; e lá na venda, até hoje, entre risos e cachaça, os fregueses sempre falam: “Não se brinca com os mistérios da Santíssima Trindade”.

# POSFÁCIO

## **Conto e crônica: duas faces de uma mesma tipologia textual**

Os estudos sobre as tipologias textuais se multiplicam e, ora um, ora outro, conforme seus autores, a quantidade e a nomenclatura delas pode oscilar. Adam (1987, 1991), Fávero e Koch (1987) e Van Dijk (1983), por exemplo, assinalam a existência de cinco tipos textuais, a saber: narração, dissertação (expositivo), argumentação, descrição e injunção. Da mesma forma, os estudos de Eigenwal (1974 apud ISENBERG, 1987) também classificam os tipos textuais em cinco, porém com uma nomenclatura bem diversa da anterior, como texto periódico, texto econômico, texto jurídico, texto político e texto científico. No entanto, os caminhos que esses autores percorrem expõem uma unidade inequívoca, a de que a tipologia textual se baseia nos diferentes mecanismos internos de constituição e funcionamento do texto assim como no seu uso e na função pragmática dentro das práticas cotidianas da escrita.

No que se refere à tipologia escolhida para compor a primeira publicação literária da Editora do IF Goiano, optou-se pelos gêneros conto e crônica, duas faces emblemáticas da mesma tipologia textual: a narrativa. Historicamente, o ato de narrar é uma manifestação humana que nasce com o primeiro ser de quem se tem notícias, ou seja, o homem das cavernas. Seja na arte rupestre, que conta histórias por meio de desenhos gravados nas pedras, seja nas primeiras palavras que o homem balbuciou, as narrativas estão presentes na história da humanidade como formas de registro, como deleite, como processo de interação. Mesmo a *Bíblia Sagrada*, o primeiro livro escolhido por Gutemberg para ser impresso, é uma narrativa que condensa a história, a filosofia e os dogmas do povo cristão. Seja qual for o objetivo da história “[...] toda narrativa consiste em um discurso integrado numa sucessão de acontecimentos de interesse humano na unidade de uma mesma ação”, conforme afirma Brémond (1972, p. 110) ao analisar a estrutura lógica das narrativas.

Assim, quando Aristóteles – o proeminente filósofo grego nascido bem antes de Cristo no ano de 384 a.C. – escreveu *A Poética*, por volta de 335 a.C., ele dividiu a literatura em três gêneros: o épico, em que a narrativa conta a história de um herói; o lírico, em que se encontra toda a obra de cunho poético e, finalmente, o gênero dramático, em que se engloba o texto teatral. Com o passar dos séculos, o gênero épico foi se tornando mais conhecido como narrativa de ficção cujo significado mais abrangente pode ser imaginação ou invenção. Além disso, conforme Gancho (1997), a literatura de ficção também é a narrativa literária em prosa.

Embora o conto e a crônica sejam narrativas curtas, essa especificidade não traduz certa facilidade em compô-las, mas, ao contrário, a sua elaboração exige criatividade, observação, percepção aguçada e originalidade, enfim, muito se espera de um contista, como afirma um dos maiores deles, Machado de Assis (1873, p. 806): “É gênero difícil, a despeito de sua aparente facilidade”. Essas duas tipologias narrativas foram e são determinantes para a descoberta de grandes gênios literários e jornalísticos no mundo e no Brasil. Em face dessa assertiva, a razão da escolha desses dois gêneros literários foi também determinante para a primeira obra em que a literatura feita em Goiás, e por vários dos servidores do IF Goiano, fosse contemplada. Dessa forma, a nossa editora recém-criada pode começar a lançar contistas e cronistas que se sobressaem nessa arte milenar de contar histórias.

## **O conto: um gênero multifacetado**

De acordo com Moisés (1973), a palavra conto tem sua origem no termo do latim *commentu*, que significa “invenção”, “ficção”. Ainda, segundo o crítico, existe outra possibilidade que é a de que a palavra “conto” proceda do verbo contar, ou seja, em uma breve definição, o conto narra uma ficção, algo inventado, embora se assemelhe à realidade, tudo o que nele foi escrito se trata de uma obra ficcional. A origem desse gênero literário é desconhecida, mas, por sua característica estrutural, é considerado o precursor das demais formas literárias. Desde os primórdios de sua existência, o conto se tornou o preferido dos leitores, mesmo sendo considerado uma arte literária erudita.

De acordo com Gancho (1997, p. 8), o conto “É uma narrativa mais curta, que tem como característica central condensar conflito, tempo,

espaço e reduzir o número de personagens”. Ele aborda qualquer tipo de tema e obedece ao atendimento de seus elementos fundamentais, quais sejam: o enredo, as personagens, o tempo, o espaço e o narrador. O conto oferece apenas uma faceta no seu espaço interior, mas pode abarcar vários pontos de vista, mesmo na exiguidade de sua extensão, pois, como afirma Assis (1974, p. 476), “O tamanho não é o que faz mal a este gênero de histórias; é naturalmente a sua qualidade”. Explorando ainda essa especificidade do conto de oferecer apenas um aspecto peculiar de algo ou de alguém, parece existir aí um paradoxo, pois ele se apresenta também, ao mesmo tempo, multifacetado, uma vez que esse gênero narrativo pode se metamorfosear em variadas possibilidades quando se apresenta como um conto maravilhoso ou de fadas, de memória, policial, de suspense, fantástico, erótico, de ação, de animais (as fábulas), de terror, jocoso, religioso, de sabedoria... Enfim, o conto pode ser mínimo na sua extensão, mas é um gênero que se agiganta nas suas múltiplas faces.

Analisando a relação entre a extensão, a profundidade do conto e a responsabilidade do autor na sua composição, Silva (2021) adverte que os

[...] escritores se valem da sua pequena extensão para, em poucos parágrafos, ou em poucas páginas, manipularem a emoção do leitor, apresentando-lhe situações aparentemente banais, mas que, num dado momento, abandonam toda plausibilidade, escapam dos limites do real e se projetam numa outra dimensão onde o impensável se torna possível. (SILVA, 2021, p. 95).

Ainda sobre essa questão, é importante mencionar a unidade de efeito do conto levantada por Edgar Allan Poe, um dos maiores escritores do gênero. Na sua teoria sobre o conto há o “[...] princípio de uma relação: entre a *extensão* do conto e a reação que ele consegue provocar no leitor ou o *efeito* que a leitura lhe causa” (POE, apud GOTLIB, 1991, p. 32). Por isso, defende o contista norte-americano, que o conto deve ser lido de uma só *assentada* para que essa unidade de efeito seja alcançada, pois esse é um ponto de maior importância na composição do gênero. Esse estado de “exaltação da alma”, segundo Poe, advém de uma certa dosagem da obra, o que permite sustentar essa excitação durante um determinado tempo. Caso o texto seja longo ou breve demais, esse sentimento ou efeito se diluirá... E disso Poe entende como poucos!

Sobre os elementos do conto definidos acima, Candido (2002) observa que, ao lermos uma narrativa, nos deparamos com uma série de fatos organizados em enredo, cujo elemento se compõe pelo tempo e pelo espaço e de personagens que vivem esses fatos. Em se tratando do enredo, Massaud Moisés (1973) nos revela a razão de existir desse gênero narrativo, ou seja, o enredo só existe a partir de um conflito, de uma trama engenhosamente construída: “O drama nasce quando se dá o choque de duas ou mais personagens, ou de uma personagem com suas ambições e desejos contraditórios. Se tudo estivesse em plena paz e ordem entre as personagens, não haveria conflito, portanto, nem história” (MOISÉS, 1973, p. 124).

De acordo com o crítico, se o conto tratasse apenas do bem-estar e da tranquilidade de espírito das personagens, por certo ele não atrairia nenhum interesse, pois as pessoas “[...] felizes são monótonas e desatraentes” (MOISÉS, 1973, p. 124). Nesse aspecto, completa o estudioso, o papel da literatura é operar exatamente no conflito da existência humana, na consciência de sua finitude e na precariedade do destino do homem, pois só a dor, o sofrimento, a angústia e a inquietude criadora suscitam, de fato, o interesse das pessoas (MOISÉS, 1973).

No conto todos os seus elementos são únicos, seja a ação, o espaço, o tempo ou o enredo, uma vez que não há lugar para as divagações e para os detalhamentos. No que se refere ao espaço, o local em que a ação se desenrola, o ambiente é pequeno e dinâmico. O tempo é sempre curto, o período do desenrolar da ação é exíguo, consiste em horas ou em poucos dias, e não se pode estendê-lo ou, do contrário, não seria um conto. Essa característica de ser conciso empresta a esse gênero literário uma objetividade singular e desenvolve a capacidade de provocar sentimentos antagônicos no seu leitor: amor x ódio, simpatia x antipatia, piedade x raiva, pavor x tranquilidade. Além disso, um dos fatores que atrai o leitor para essa narrativa tão poderosa é que o conto apenas cria situações conflituosas nas quais todos nós, indistintamente, podemos nos espelhar. Nesse contexto, as personagens são consideradas instrumentos da ação (MOISÉS, 1973).

No que tange à personagem como elemento constituinte do conto, algumas peculiaridades devem ser observadas, por exemplo, o fato de não existir um conto com apenas uma única personagem, pois, nesse caso, não

existiria o conflito, parte integrante e fundamental dessa narrativa. Outra característica levantada por Moisés (1973) é a de que as personagens tendem a ser estáticas, imóveis no tempo, no espaço e na personalidade, isso porque não há espaço no conto para digressões ou grandes complexidades, embora toda e qualquer uma trate do ápice de uma situação humana.

Finalizando os elementos que compõem o conto, temos a linguagem, que costuma ser utilizada na terceira pessoa e não admite palavras desnecessárias, uma vez que o excesso atrapalha a ação das personagens. Em geral, a linguagem ressalta a ação, e não a intenção da personagem, trazendo o diálogo como o meio de produzir a discórdia, a desavença ou o mal-entendido, pois sem eles não há conflito e muito menos a ação. Esse diálogo pode ser direto, com as personagens conversando, ou indireto, com a intervenção do narrador contando o diálogo. Há também a possibilidade do diálogo indireto livre, em que o narrador usa parte dos diálogos, mas é por meio dele que a narrativa transcorre; e, por fim, existe o monólogo interior, quando a personagem adentra em seu universo psíquico e conversa consigo mesma.

Assim, o conto, essa estrela da literatura mundial e brasileira, exige muito do seu criador. O jogo narrativo necessário para prender o leitor durante a sua leitura, desde o início até o seu clímax ou desenlace, parece ser o calvário de todo contista (MOISÉS, 1973). O mistério e a surpresa final servem como reflexão, assim o que ficou para o leitor após o término da narrativa é projetado como uma semente de meditação diante da grandeza da existência humana.

## **A crônica: entre o jornalístico e o literário**

Quando Antonio Candido escreveu o artigo intitulado *A vida ao rés do chão*, publicado inicialmente na obra *Para gostar de ler: crônicas*, volume 5, em 1981, pela Editora Ática, o crítico literário colocou esse gênero narrativo ao rés do chão, ou seja, ele o colocou aos nossos pés, o mais próximo possível da nossa vida cotidiana. Revela o autor:

Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela [a crônica] se ajusta à sensibilidade de todo o dia. Principalmente porque elabora uma linguagem que fala de perto ao nosso modo de ser mais natural. Na sua despreensão, humaniza; e

esta humanização lhe permite, como compensação sorrateira, [1]recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição. (CANDIDO, 1992)<sup>2</sup>.

Ao defender a crônica como um “gênero menor” e por isso mesmo mais próximo dos meros mortais, Candido (1992) atribui a ela o poder de humanizar o leitor, seja pela sua simplicidade e despreziosidade, seja por tratar de questões cotidianas e profundas da complexidade humana. É o próprio autor que considera esse poder em outra obra: “Toda obra literária é, antes de mais nada, uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador dessa construção, *enquanto construção*” (CANDIDO, 2011, p. 179).

Essa característica de rés do chão tem uma razão de ser. De acordo com Silva (2021), o surgimento e a popularização de jornais e revistas no século XIX contribuiu consideravelmente para que a noção de crônica ganhasse um viés mais literário e crítico. Machado de Assis e João do Rio tomaram o cenário da vida carioca como um ambiente propício para suas famosas crônicas, elevando assim a atividade jornalística de ambos a um outro patamar, pois buscavam na rua o mote de suas habilidades cronísticas e transformavam seus escritos em verdadeiras pérolas da arte literária.

Ao cronista não é dado permanecer no claustro, como o poeta Bilac eternizou em seu belo e revelador soneto *A um poeta*: “Longe do estéril turbilhão da rua/Beneditino, escreve! No aconchego/Do claustro, na paciência e no sossego,/Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!”

Mas que também fique clara uma constatação: que estar na rua, e não no aconchego da clausura seja entendido como sinônimo de facilidade para a construção da crônica, muito pelo contrário, ao colher a inspiração nas conversas e nos mexericos da vizinhança, o cronista, assim como o poeta, teima, sofre e sua até que o resultado esperado permita a publicação do seu texto. Detalhe importante e contundente: tudo isso feito sob a pressão do tempo e das exigências cotidianas de um periódico. Afinal, como bem afirma Marina Colasanti, “Todo escritor é um repórter do seu tempo”.

---

2 Essa versão do artigo intitulado *Ao rés do chão* encontra-se no Portal da Crônica, no seguinte endereço: <https://cronicabrasileira.org.br/artes-da-cronica/14738/a-vida-ao-res-do-chao>. Por tratar-se de um site, não há paginação do referente artigo. Acesso em 20/05/2023.

Embora a crônica tenha sua importância literária e venha revelando vários talentos nesse gênero e para além dele, ela possui uma característica fatal: a sua efemeridade. Conforme adverte Silva (2021, p. 155), “Se não for publicada em livro físico ou eletrônico, a crônica estará fatalmente condenada a ter vida curta, a morrer a cada dia, uma vez que ao texto de hoje seguem-se muitos outros sucessivamente, como ondas do mar”. Mais grave ainda do que essa possibilidade, Candido (1992) vaticina que essa narrativa “[...] é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa” e que, por essa mesma razão, é uma “[...] publicação efêmera que se compra num dia e no dia seguinte é usada para embrulhar um par de sapatos ou forrar o chão da cozinha”. Por ser uma conversa cotidiana entre o cronista e o leitor, este quer novidades a cada dia, enquanto aquele se desdobra para trazê-las, pois o que se leu ontem ficou no passado, ainda que o leitor extraia profundas reflexões e autênticas emoções desse texto.

A crônica é um gênero que não nasceu para a atmosfera ficcional do conto, pois seu estilo de linguagem é pessoal, informativo e opinativo; e muito menos nasceu para a narrativa capitular da novela com o seu conflito principal e os subtramas adjacentes. Essa estrutura narrativa surge no seio da imprensa, como folhetim, cujo objetivo era informar ou opinar sobre determinado fato ou assunto. No entanto, ela cai nas mãos do gênio carioca Machado de Assis, que abre caminhos para tantos outros, não só os cariocas, mas escritores de vários quadrantes brasileiros, o que faz com que o Brasil não seja apenas a morada da crônica, mas também a terra dos cronistas (SILVA, 2021). Nesse contexto, afirma a autora:

Nas palavras dos cronistas podemos encontrar a pedra de toque, a alquimia singular que transforma o chumbo pesado do cotidiano em ouro puro, capaz de provocar no leitor uma emoção estética semelhante à da poesia. É quando de um acontecimento trivial o cronista extrai um sentido maior, uma dimensão mais ampla e profunda, com uma visão original e personalíssima (SILVA, 2012, p. 157).

Essa lapidação das palavras que transforma o jornalístico em algo literário, não desmerecendo o primeiro estilo e nem vangloriando o segundo, é que trouxe para a crônica a fama de um gênero perene que veio para ficar e que atraiu tantos escritores e jornalistas brasileiros, como José de Alencar, Olavo Bilac, Machado de Assis e João do Rio, seus precursores, mais tarde seguidos por Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos

Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga, esse último considerado por Candido como um cronista puro, entre tantos outros.

Assim, por todos esses motivos supracitados e pela importância do conto e da crônica no cenário literário mundial e brasileiro, é que ambos os gêneros foram os escolhidos para abrirem a estrada, o caminho das narrativas literárias da nossa recém-criada Editora IF Goiano. Esperamos que os leitores e as leitoras desta obra se deliciem com os textos desta edição.

*Profª. Dra. Maria Luiza Bretas  
Membro do Conselho Editorial  
Instituto Federal Goiano*

## REFERÊNCIAS

ADAM, Jean Michel. **Cadre théorique d'une typologie séquentielle.** Études de linguistique appliquée: textes, discours, types et genres. Paris: Didier Érudition, n. 83, p. 7-18, 1991.

ADAM, Jean Michel. **Textualité et séquentialité.** L'Exemple de la description. Langue Française: la typologie des discours. Paris: Larousse, n. 74, p. 51-71, 1987.

ASSIS, Machado de. **Obra completa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, v. 3, 1974.

BARTHES, Roland. **Aula.** São Paulo: Cultrix, 1977.

BRÉMOND, Claude. A lógica dos possíveis narrativos. *In:* AUTOR. **Análise estrutural da narrativa.** Petrópolis: Vozes, 1972. p. 109-35.

CANDIDO, Antonio. **A crônica:** o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. *In:* CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem de ficção.** 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas.** São Paulo: Editora Ática, 1997.

GOTLIB, Nádía. **Teoria do conto.** São Paulo: Editora Ática, 1991.

ISENBERG, Horst. Cuestiones fundamentales de tipología textual. *In:* BERNARDEZ, Enrique (org.). **Linguística del texto.** Madrid: Asco/Libra, 1987. p. 97-129.

KOCH, I. G. Villaça; FÁVERO, L. Lopes. **Contribuições a uma tipologia textual**. Letras & Letras. Uberlândia: EDUFU, v. 3, n. 1, p. 3-10, 1987.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: introdução à problemática da literatura. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Nos avessos do texto**: um passeio pela obra de Marina Colasanti. Goiânia: Cãnone Editorial, 2021.

VAN DIJK, Teun. **La ciencia del texto**: um enfoque interdisciplinário. Buenos Aires/Barcelona: Paidós, 1983.

## SOBRE OS AUTORES



### **Marcos Fernandes de Oliveira**

Graduado em Química (bacharelado e licenciatura) pelo Instituto Federal Goiano – Campus Rio Verde. Graduação interrompida em Biologia (bacharelado e licenciatura) pela Universidade de Rio Verde (UNIRV). Técnico em Agroindústria e em Agropecuária pelo Cefet – Rio Verde. Desde sua formação técnica, atua como Coordenador de Qualidade de Produção em diversas áreas, como arraçãoamento de animais ruminantes, produção de óleos vegetais em graxearias, produção de saneantes e domissanitários, tratamento em superfícies metálicas por meio de galvanoplastia, tratamento de efluentes de galvanoplastia e auditoria empresarial com parâmetros ambientais. Participou do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvendo um projeto de investigação dos teores de chumbo, níquel e prata nos resíduos de filmes radiográficos na cidade de Rio Verde. Participa de grupo de pesquisa sobre tratamento e recuperação de resíduos químicos em laboratórios didáticos pedagógicos no Instituto Federal Goiano – Campus Rio Verde. Atualmente é aluno do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Aplicada e Sustentabilidade do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Rio Verde, desenvolvendo uma pesquisa direcionada aos impactos ambientais causados por líquido de coligação na cidade de Rio Verde; à avaliação da produção de metano em reator de bancada e avaliação de resíduos sólidos gerados no IF Goiano – Campus Rio Verde; além de proposta de gestão sustentável, proposta de implementação de central de recolhimento de resíduos sólidos na cidade

de Rio Verde e investigação de emissão de gases de efeito estufa pela frota veicular dessa cidade – avaliando também os resíduos sólidos gerados no interior do campus desse instituto e propondo uma complementação na gestão sustentável desses resíduos.



### **Janeth de Oliveira Silva Naves**

Graduada em Farmácia e especialista em Microbiologia pela UFGO. É mestre e doutora em Ciências da Saúde e professora aposentada da Universidade de Brasília (UnB). Participou da criação dos cursos de Farmácia das Faculdades Objetivo de Goiânia, da Universidade Católica de Brasília e da UnB. Vive com o marido e os três filhos em Brasília. É aluna do Curso Livre de Formação de Escritores da Metamorfose Cursos.



### **Noelly Alves de Sousa**

Professora de Língua Portuguesa no Colégio da Polícia Militar Pedro Ludovico Teixeira, na cidade de Trindade, Go. Formada em Letras pela Faculdade Padrão. Pós-graduada em Educação e Trabalho Docente pelo Instituto Federal Goiano – Campus Trindade.



### **Sandra Maria Martins da Costa**

Funcionária pública municipal em Goiânia há 25 anos. Atuou na área de auxiliar de serviços de manutenção e higiene; na alimentação escolar; na recepção dos alunos e membros da comunidade, auxiliando pais e alunos nas demandas escolares pertinentes a serem resolvidas com o grupo diretivo da escola. Atualmente, presta serviço no Cmei como auxiliar de coordenação, trabalhando com as crianças e também na parte pedagógica, ajudando nas decorações e em outras funções. Possui formação como Técnica em Enfermagem pela Escola Zilma Carneiro e Formação de Professores de 1ª a 4ª séries pelo Colégio D. Hélder Câmara (nível médio). Licenciada em Pedagogia (EPT) pelo Instituto Federal Goiano – Campus Avançado Hidrolândia.



### **Ana Maria Alves Pereira dos Santos**

Licenciatura em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Estadual de Goiás. Especialização em Linguagem, Transversalidade e Interdisciplinaridade pela Universidade Federal de Goiás. É mestra em Linguística pela Universidade Federal de Goiás e doutoranda do Programa

de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão. Pesquisa sobre Discurso, Sujeito e Sociedade. Ministra aulas de português e inglês. Atualmente faz parte da equipe de linguagens do Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos.



### **Fabiana Angélica Luiz Pereira**

Graduada em Letras e Pedagogia, nascida em Goiânia e goiásense de coração. Leciona Língua Portuguesa na rede estadual de ensino, na cidade em que reside há 18 anos, Professor Jamil, Go. Participou de três antologias das editoras Delicatta e Brunsmark com poemas autorais. Alcançou a terceira colocação no concurso Farol Literário na categoria Poema, tendo o seu poema publicado em uma coletânea com outros ganhadores, e também participou como palestrante da Mesa Redonda com o tema: “Farol Literário Vencedores. Categoria Conto e Poema”, no evento intitulado II Feira Literária do Vale de São Patrício (FLIVASP) do Instituto Federal – Campus Ceres, em 2022. Casada e mãe de dois filhos, sonha em publicar seu livro solo e tocar as pessoas com sua escrita.



### **Leticia Santana Stacciarini**

Professora de Letras do Instituto Federal Goiano – Campus Avançado Catalão desde 2014. Doutora em Estudos Literários, Universidade Federal de Uberlândia. Mestra em Estudos da Linguagem, Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. Graduada em Letras (Português/Inglês) também pela Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão, bem como em Direito pelo Centro de Ensino Superior de Catalão – CESUC. Já publicou capítulos de livros, artigos em jornais e periódicos, trabalhos em anais de eventos científicos, contos e poemas premiados em concursos culturais, dentre outros. Responsável pelo perfil do instagram @leticia.stacciarini, utiliza-se desse espaço para divulgar, principalmente, escritos que incluem suas reflexões, poesias, impressões de viagens etc. Recentemente, teve uma de suas fotografias selecionada para figurar como capa do periódico *Espaço em Revista*.



### **Wayrone Klaiton Luiz Silva**

É pesquisador de vários projetos, entre eles, o do APL de Apicultura do Vale do Rio do Bois do IF Goiano. É formado em Tecnologia em

Análise e Desenvolvimento de Sistemas pelo Instituto Federal Goiano – Campus Iporá e em Geografia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Campus Iporá. Possui mestrado em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) – Campus Jataí, onde realizou pesquisas sobre as relações entre Estado e mercado no território goiano, o Fundo Constitucional do Centro-Oeste, o desenvolvimento regional e temas historiográficos. No campo da informática, desenvolveu uma metodologia para documentar tecnologias de hardware, aplicada ao caso do satélite AMAZONIA-1, que resultou em um artigo validado pelo INPE. Trabalhou no IF Goiano como analista de requisitos em projetos para desenvolvimento de softwares nas áreas de Classificação de Grãos, Governança Hoteleira, Gestão de Convênios e Ouvidoria. Também possui experiência na área de editoração de e-books, tendo coordenado a edição de quatro obras, das quais é autor de duas. A última foi escrita para o Ministério da Agricultura. É apaixonado pela junção da ciência, arte e tecnologia e está sempre em busca de novos desafios.



### **Raquel Martins de Oliveira**

Professora efetiva da área de Linguagens, Códigos e Tecnologias do Instituto Federal Goiano – Campus Morrinhos. Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. Especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado de Oliveira. Graduada em Letras, habilitação em Português e Inglês, pela Universidade Federal de Goiás. Apaixonada por contos, gosta de escrever narrativas que despertem memórias afetivas, sobretudo de infância.

# SOBRE AS ORGANIZADORAS

## **Lídia Maria dos Santos Moraes**

Possui graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2010) e graduação em Secretariado Executivo Bilingüe pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2001). Especialista em Língua Inglesa, tendo realizado o Curso de Formação de Professores de Língua Inglesa também pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2002). É Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás. É servidora pública federal e exerce a função de Técnico em Secretariado no Instituto Federal Goiano, onde também é Assessora Editorial da Editora IF Goiano, Núcleo da Editora IF Goiano vinculado à PROPI - Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação e membro do Conselho Editorial da Editora IF Goiano. Desenvolve diversos projetos voltados para a Educação Internacional, políticas para Educação Internacional, políticas linguísticas e Docência de Língua Inglesa há 20 anos.

## **Maria Luiza Bretas**

Graduada, mestre e doutora em Letras, pela UFG, com estágio de doutorado na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, França. Possui pós-doutorado em Ciências Agrárias pelo IF Goiano. Possui nove livros publicados e diversos capítulos de livros que abordam questões sobre leitura, formação do leitor e pesquisas na área das relações étnico-raciais. Atualmente, é professora do ensino básico técnico e tecnológico do IF Goiano - Campus Avançado Ipameri.

## **Sarah Suzane Bertolli**

É nordestina que mora em Goiânia há mais de duas décadas. Mãe, leitora, revisora de textos e pesquisadora, trabalha como Coordenadora na Editora IF Goiano. Doutora em Linguística pela Universidade Federal

de Goiás, com mestrado em estudos linguísticos e licenciatura em Língua Portuguesa pela mesma Universidade. Escreve materiais didáticos e paradidáticos para a educação básica. Publicou dois livros de contos: *Rio de Sangue e de Amor* e *outros contos* e *A menina de chinelo de dedo*.